



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**WESLEY DA RESSURREIÇÃO CONCEIÇÃO**

**“SE PALMARES NÃO VIVE MAIS, FAREMOS PALMARES  
DE NOVO”:** O MOVIMENTO DOS QUILOMBOS EDUCACIONAIS  
EM SALVADOR-BA

Salvador  
2019

**WESLEY DA RESSURREIÇÃO CONCEIÇÃO**

**“SE PALMARES NÃO VIVE MAIS, FAREMOS PALMARES  
DE NOVO”:** O MOVIMENTO DOS QUILOMBOS EDUCACIONAIS  
EM SALVADOR-BA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Swahili S. de Almeida

Salvador  
2019

**WESLEY DA RESSURREIÇÃO CONCEIÇÃO**

**“SE PALMARES NÃO VIVE MAIS, FAREMOS PALMARES  
DE NOVO”:** O MOVIMENTO DOS QUILOMBOS EDUCACIONAIS  
EM SALVADOR-BA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em: 09 de Dezembro de 2019.

Banca examinadora:

Gabriel Swahili Sales de Almeida – Orientador \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia

Sílvio Humberto dos Passos Cunha \_\_\_\_\_  
Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas  
Universidade Estadual de Feira de Santana

Nanci Helena Rebouças Franco \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia

Rodrigo da Silva Pereira \_\_\_\_\_  
Doutor em Políticas Públicas e Gestão da Educação pela Universidade de Brasília  
Universidade Federal da Bahia

*Dedico esse trabalho ao povo negro - na África e na Diáspora -  
que ao longo do tempo segue (re)existindo com a força  
emanada pela nossa ancestralidade. Ubuntu!!*

## AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos que preciso fazer por ter chegado até aqui. A caminhada não foi fácil, mas, se não fosse a companhia de pessoas maravilhosas, teria sido muito mais difícil.

Em primeiro lugar, agradeço à *Olódumarè* pela vida. *Mo dúpé Ọlórún!*

Agradeço aos meus ancestrais. A todos os que vieram antes de mim. A todos os meus mais velhos e as minhas mais velhas. *Mo júbà o!*

Agradeço aos Orixás que me sustentam e conduzem. Eles foram imprescindíveis nessa caminhada. *Mo dúpé bàbá mi Ọrìṣà Ọgìyán, Ọgún, Èṣù, Ṣàngó, Ọṣun, Ọṣòṣì, Ọya àti gbogbo ọrìṣà.*

Agradeço a toda minha família consanguínea. A todos vocês que torceram por mim, de perto ou de longe.

Agradeço aos meus avós que, embora já tenham partido desse plano há algum tempo, foram faróis que iluminaram os meus caminhos. Dona Judite, Seu Oirtimedes e Dona Benedita, eu amo vocês!

À minha mãe Ângela Margarida que foi, sem dúvidas, uma das principais responsáveis por eu ter chegado até aqui. Pelo carinho, pelo cuidado e pela força. Te amo, véa!

À meu pai Miguel Catarino pelo carinho, por ter me ensinado a amar o Bahêa e toda a potência dos blocos afros. “Se não fosse o Ilê Aiyê?”

Aos meus irmãos: Júnior, André, Rayane, Wendel, Bárbara e Vitória por estarem sempre me fortalecendo. Aos meus sobrinhos e sobrinha. Aos meus tios e tias, primos e primas pelo carinho e cuidado.

Aos amigos que Tempo colocou no meu caminho.

À Vanessa por acompanhar parte da caminhada e me ajudar nas transcrições dos áudios das entrevistas.

À minha galera da Faculdade de Educação (FACED) e da UFBA, que me apoiou, aconselhou, ouviu e ensinou: Tamires, Rosa, Idenilton, Isnara, Pitta, Linni, Isadora, Mayana, Aline, Marcelle, Luís, Sara, Renata, Lorena, Laura, Bruna, Cecília, Jolfer, Nájila, Juliane, Ilmara, Yngrid, Louise, Marby, Manu, Quécia, Juliana, Giovanni, Tito, Maiana, Hilmara, Victória, Gleisson, Cely, Alanne, Ingrid, Letícia, Carol, Jayse, Luciana e Naty.

À patilogia (estudos de pátio) onde realizei profundas reflexões junto com todos esses colegas e amigos. Muitas vezes, essas discussões realizadas com a galera nos pátio da universidade eram muito mais potentes do que as realizadas em sala de aula.

Às idas ao bar carinhosamente chamado de “podrão”, porque sem cerveja a caminhada teria sido mais difícil rsrs.

A todos do grupo de pesquisa EtniCidades do ILUFBA, principalmente à professora Florentina Souza que me orientou na iniciação científica durante dois anos. Devo muito a ela e ao grupo pelo pesquisador que me tornei.

Aos professores e professoras que fizeram parte da minha formação em pedagogia, em especial à professora Nanci, que muito me incentivou.

Ao Coletivo de Professoras e Professores Negros da FACED, por propor debates tão importantes.

A toda equipe que constrói comigo o Quilombo Educacional Vilma Reis, e a todos os estudantes e ex-estudantes.

Ao Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED Paulo Freire), do qual fiz parte da gestão, por ter me ajudado a conhecer melhor o funcionamento da universidade.

Aos funcionários e funcionárias da FACED: Dona Evanice, Silvana, Cláudio, Sérgio, Nely, Diógenes, Joana, Diná e Marcelo. À Rosa da livraria. À Dona Emília, baiana que vende acarajé na Escola de Administração (EAUFBA), e que me trata com muito carinho. À Eduardo, Rose e Val, funcionários(as) da EAUFBA.

Ao meu orientador nesse TCC, professor Gabriel Swahili, por todo o auxílio e conselhos.

A toda galera que constrói os Quilombos Educacionais da Bahia. A todos os que cederam entrevista para consecução desta monografia.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Faculdade de Educação da UFBA por ter me dado régua e compasso.

*Ẹ ẹun púpò! (Muito obrigado)*

*Por menos que conte a história  
Não te esqueço meu povo  
Se Palmares não vive mais  
Faremos Palmares de novo.*

(José Carlos Limeira. *Atabaques*, p.19-24)

CONCEIÇÃO, Wesley da R. “Se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo”: o Movimento dos Quilombos Educacionais em Salvador-BA. 74f. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar e analisar o Movimento dos Quilombos Educacionais no contexto da cidade de Salvador-BA. Os Quilombos Educacionais são cursos pré-vestibulares que atendem prioritariamente a estudantes negros e negras. Para obtenção dos resultados foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o uso do método da Indução Analítica Modificada, onde foi traçado um conceito geral sobre o que é um Quilombo Educacional a partir do agrupamento dos dados coletados. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram entrevistas semiestruturadas com membros desses Quilombos Educacionais e pesquisa bibliográfica sobre o que já foi produzido em relação à temática. A motivação dessa pesquisa surge a partir da constatação de que são poucas as produções que se debruçam sobre os Quilombos Educacionais, e as poucas produções existentes abordam apenas instituições específicas, não sendo possível, dessa forma, conhecer esse Movimento de maneira mais ampla. Os resultados obtidos revelam que além de preparar os/as estudantes para os exames vestibulares, os Quilombos Educacionais se preocupam em oferecer uma formação para as relações étnico-raciais, visando o combate ao racismo. O estudo também revela que, embora existam cursos com perfis parecidos em outros estados brasileiros, apenas na Bahia esses cursos são conhecidos como Quilombos Educacionais.

**Palavras-chave:** Quilombo Educacional. Pré-Vestibular Popular. Movimento Negro. Ensino Superior.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPN	Associação Brasileira de Pesquisadores Negros
APNB	Associação de Pesquisadores Negros da Bahia
CAAPA	Centro Arquidiocesano de Articulação da Pastoral Afro
CAPED	Centro Acadêmico de Pedagogia
CBPN	Congresso Baiano de Pesquisadores Negros
CCN	Cidadania e Consciência Negra
CEAO	Centro de Estudos Afro Orientais da UFBA
CEBA	Centro de Estudo Brasil-África
CENPAH	Centro Pastoral Afro Padre Heitor
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço
COPENE	Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FACED	Faculdade de Educação
FNB	Frente Negra Brasileira
FOQUIBA	Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia
ICSB	Instituto Cultural Steve Biko
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPEAFRO	Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais
MEC	Ministério da Educação
MN	Movimento Negro
MNU	Movimento Negro Unificado
MSU	Movimento dos Sem Universidade
ONG	Organização Não Governamental
PJMP	Pastoral da Juventude do Meio Popular
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
PVNC	Pré-Vestibular para Negros e Carentes

SENUN	Seminário Nacional de Universitários Negros
SEPPIR	Secretaria De Políticas De Promoção Da Igualdade Racial
SPD	Sociedade Protetora dos Desvalidos
TEN	Teatro Experimental do Negro
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UPT	Universidade Para Todos

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>O ASPECTO EDUCADOR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS</b> .....	<b>16</b>
2.1	EDUCAÇÃO: TRINCHEIRA DE LUTA DO MOVIMENTO NEGRO .....	18
2.2	OS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES .....	22
2.3	A INICIATIVA DO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES.	28
<b>3</b>	<b>AQUILOMBAR-SE É PRECISO: O QUE O QUILOMBO REPRESENTA PARA A LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL</b> .....	<b>31</b>
3.1	A QUILOMBAGEM EM CLÓVIS MOURA .....	31
3.2	O QUILOMBISMO EM ABDIAS NASCIMENTO .....	35
3.3	O QUILOMBO SEGUNDO BEATRIZ NASCIMENTO .....	38
3.4	CONCEITOS QUE SE ENTRECruzAM .....	41
<b>4</b>	<b>O MOVIMENTO DOS QUILOMBOS EDUCACIONAIS</b> .....	<b>45</b>
4.1	DEFININDO QUILOMBO EDUCACIONAL .....	46
4.2	BREVE APRESENTAÇÃO DOS QUILOMBOS ESTUDADOS .....	51
<b>4.2.1</b>	<b>Instituto Cultural Steve Biko</b> .....	<b>51</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Curso Popular de Pré-vestibular Quilombo do Orobú</b> .....	<b>53</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Quilombo Educacional Pré-ENEM Santa Bakhita</b> .....	<b>54</b>
<b>4.2.4</b>	<b>Quilombo Educacional Vilma Reis</b> .....	<b>55</b>
4.3	A PEDAGOGIA DOS QUILOMBOS EDUCACIONAIS .....	56
4.4	O FÓRUM DE QUILOMBOS EDUCACIONAIS DA BAHIA – FOQUIBA	62
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Não poderia iniciar a apresentação deste trabalho de outra maneira que não fosse falando sobre os caminhos que me trouxeram até aqui. Caminhos esses que, sem dúvidas, não foram trilhados sozinho. Prova disso é este trabalho escrito a muitas mãos. Dessa forma, inspirado na sabedoria tradicional africana do *Sankofa* – conceito e símbolo que tem origem no antigo povo Akan que vive na região onde hoje é o país de Gana – narrarei essa história. O *Sankofa* pode ser traduzido como “retornar ao passado para resgatar o que foi deixado”, ou seja, esse princípio nos ensina que precisamos resgatar a nossa ancestralidade, mantendo sempre viva a nossa memória enquanto povo, para que possamos compreender o nosso presente e não nos percamos no futuro. Justamente pensando nessa compreensão do presente, é que venho situar-lhes acerca de quem sou e de onde falo, mas para isso, será necessário retornar um pouco ao passado.

Homem negro, nascido de uma família negra e de origem pobre, onde poucas pessoas antes de mim tiveram acesso ao ensino superior, cresci com o sonho de um dia poder cursar a faculdade, mas sempre com angústia em pensar se isso seria possível. Ora, financeiramente falando, seria muito difícil pagar as mensalidades de uma faculdade particular. E a universidade pública no meu imaginário era algo muito distante da minha realidade. Vocês podem perguntar: - Mas que distância é essa que ele está falando? - Eu vos respondo: para a juventude negra, principalmente aquela que vem da escola pública, acessar uma universidade pública não é tarefa fácil. Primeiro porque, infelizmente, há uma defasagem na qualidade da educação básica na rede pública em relação à rede privada, o que dificulta na disputa extremamente concorrida, e até desleal, do vestibular. O segundo motivo se deve ao fato de que as referências de familiares que conseguiram acessar o espaço da universidade pública na condição de estudante são muito escassas (eu, por exemplo, fui o primeiro na minha família). Ainda é muito comum encontrarmos famílias negras onde a atual geração é a primeira a ter acesso ao ensino superior. Sem falar na ideia que ainda é comum de se ouvir por aí – a de que não dá para trabalhar enquanto se estuda na Federal, por conta dos horários das aulas. Veja, manter-se em uma universidade, onde são muitos os gastos com fotocópias de textos, transporte, alimentação, e para alguns até moradia, sem receber algum tipo de auxílio financeiro (refiro-me às bolsas oferecidas pelas universidades, e que,

infelizmente, não conseguem atender a todos), ou sem fazer um estágio ou ter um emprego, é uma missão hercúlea.

Apesar de todos esses fatores, entendia que a universidade pública seria a minha única possibilidade de fazer um curso superior. Chego à Universidade Federal da Bahia (UFBA) cheio de esperanças e angústias, e constato uma realidade que já imaginava: ainda que nos últimos anos, em que a esquerda política esteve governando o país, o número de estudantes negros nas universidades tenha aumentado significativamente, a nossa presença nos cursos tidos pela sociedade como de alto prestígio social ainda é reduzido. Cursos como Direito, Medicina, Administração, Odontologia, e as Engenharias ainda são frequentados por uma maioria não negra. Diferente disso, no curso de Pedagogia (UFBA), a maioria dos estudantes matriculados se autodeclaram negros e negras.

Durante a graduação, sempre cheio de inquietações acerca do currículo do curso, currículo esse que em sua matriz de componentes obrigatórios não contemplava discussões raciais e de gênero<sup>1</sup>, e incentivado por colegas que estavam no final da gestão do Centro Acadêmico, resolvi, junto com outras e outros colegas, montar uma chapa e disputar as eleições do Centro Acadêmico de Pedagogia Paulo Freire (CAPED). Sendo a única chapa na disputa do pleito, fomos eleitos. Participei da gestão do CAPED durante dois anos. Uma das conquistas promovidas pela luta das e dos estudantes de Pedagogia, e dos professores negros e negras da Faculdade de Educação - FACED, foi a aprovação dos componentes “Educação e Relações Étnico-Raciais” e “Educação, Gênero e Sexualidades” como obrigatórios na matriz curricular do curso. Pode parecer que esse relato não caberia na introdução deste trabalho, no entanto, será possível entender o motivo mais adiante.

Os caminhos percorridos durante os anos de graduação propiciaram-me encontros com pessoas maravilhosas e engajadas na luta por uma realidade menos desigual para o povo negro. É justamente em um desses encontros nas encruzilhadas da vida, no compartilhamento dessas angústias, que no ano de 2016 sou convidado por uma amiga e colega - Tamires Fraga - a ajudá-la na criação de um curso pré-vestibular que tivesse como público a juventude negra periférica

---

<sup>1</sup> Na verdade, o referencial teórico das disciplinas contemplava as discussões de raça e gênero, mas a partir de uma perspectiva branca e cis-hétero-normativa. As referências utilizadas é majoritariamente composta por homens e mulheres brancas.

oriunda da escola pública. Nasce assim o Quilombo Educacional Vilma Reis, projeto que até hoje coordeno com Tamires, Rebeca Souza e Wilson Nunes.

Pensar uma educação emancipatória, que respeite as diferenças, e que não (re)produza racismo, sexismo, classismo, e outros “ismos” que adoecem a nossa sociedade, sempre foi o que me moveu nesse meu percurso formativo. Entender como opera os currículos das universidades e constatar que ser negro nesse espaço embranquecido<sup>2</sup> e eurocêntrico é conviver em ambiente hostil, me fez refletir o quão importante é a nossa presença nesse espaço, sem esquecer os riscos por ele oferecidos, mas sobretudo, sem perder de vista a necessidade que temos, enquanto povo, de denegrir o mesmo. Uso a palavra “denegrir” no sentido de “tornar negro”, que é a sua verdadeira etimologia, ressignificando assim o termo, que pejorativamente é utilizado para representar algo negativo. Quero ver as universidades cada vez mais negras.

Espero que essa breve narrativa possa ter situado os leitores a respeito do meu lugar de enunciação. Como havia dito mais acima, fazer o resgate do caminho que já foi percorrido é necessário para compreensão do presente. Vamos então à apresentação deste trabalho.

A pesquisa intitulada “*Se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo*”: *O Movimento dos Quilombos Educacionais em Salvador-BA* trata sobre os Quilombos Educacionais, uma modalidade de curso pré-vestibular popular voltada a atender estudantes negros. A definição do tema surge a partir de um anseio pessoal em pesquisar sobre os Quilombos Educacionais, algo em que eu já estou inserido há mais de dois anos (como havia dito, participei da criação e ainda coordeno o Quilombo Educacional Vilma Reis), mas que ainda me inquieta no sentido de compreender melhor sobre a sua realidade de maneira ampla, e de produzir um material específico sobre o tema, uma vez que em buscas bibliográficas não encontrei nenhuma produção detalhada sobre esses cursos de maneira comparativa. Durante o processo de escrita desta monografia, tive acesso a alguns estudos apenas sobre o Instituto Cultural Steve Biko e o Curso Popular Quilombo do Orobú, organizações que se declaram Quilombos Educacionais, categoria que analisaremos mais adiante (CARDOSO, 2006; CUNHA, 2008; OLIVEIRA, 2008; RODRIGUES, 2008; SANTOS, 2018). No entanto, o nosso foco aqui é falar sobre o

---

<sup>2</sup> Consideramos o espaço da universidade embranquecido por conta dos valores transmitidos e porque os negros estão sub-representados no corpo docente e nas instâncias administrativas.

Movimento dos Quilombos Educacionais na cidade de Salvador. Já existe bibliografia que trate dos Cursos Pré-Vestibulares Populares, a exemplo de (NASCIMENTO, A., 1999; SILVA FILHO, 2003; ZAGO, 2008).

Realizar um estudo mais aprofundado acerca dos Quilombos Educacionais, e compreender de que forma esses projetos que nascem de uma luta histórica dos movimentos sociais - nesse caso específico do Movimento Negro - se organizam, é o que me conduziu à seguinte questão de pesquisa: *O que são os Quilombos Educacionais e como se constituem no contexto da cidade de Salvador-BA?*

Como forma de responder essa questão, utilizamos a pesquisa de abordagem qualitativa de método indutivo. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a principal finalidade das pesquisas indutivas é o desenvolvimento de um conceito geral a partir do agrupamento de dados coletados através do estudo de fatos e fenômenos específicos que se deseja conhecer. Enquanto procedimento metodológico, esta pesquisa se caracteriza pelo que Bogdan e Biklen (1994) chamam de *Indução Analítica Modificada*. Segundo os autores,

O método de indução analítica é utilizado quando algum problema ou questão específica se transforma no foco da pesquisa. Procede-se à recolha e análise dos dados a fim de desenvolver um modelo descritivo que englobe todos as instâncias do fenômeno. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 99).

A questão específica que é o foco da nossa pesquisa são os Quilombos Educacionais. A coleta dos dados deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com integrantes das instituições que atualmente se autodefinem como Quilombos Educacionais na cidade de Salvador. Buscamos analisar as características de cada uma dessas instituições, a fim de traçar um perfil conceitual do que se entende por Quilombo Educacional. Para exemplificar a metodologia de forma resumida, digamos que um pesquisador qualquer queira saber o conceito de água. Para isso, ele entrevista três pessoas. A primeira pessoa entrevistada diz que água é um líquido transparente. A segunda diz que água é de fato um líquido transparente, mas que também pode ser encontrada em estado sólido e gasoso. Já a terceira entrevistada diz que, além disso, a água é essencial à vida dos seres vivos. Utilizando o método da indução analítica modificada, o pesquisador agruparia as três respostas encontradas, chegando ao resultado de que a água é uma substância transparente, que pode ser encontrada em estado líquido, sólido e gasoso, e que é indispensável para vida dos seres vivos.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No capítulo intitulado “*O aspecto educador dos Movimentos Sociais*” discutimos de que forma as atuações dos movimentos sociais são educativas para esses próprios movimentos e para a sociedade como um todo. Também destacamos a importância do Movimento Negro Brasileiro para a educação, e falamos sobre os Cursos Pré-vestibulares Populares.

No capítulo “Aquilombar-se é preciso: o que o quilombo representa para a luta do povo negro no Brasil” faremos uma reflexão acerca do Quilombo, trazendo as concepções de Abdias Nascimento (1914-2011), Clóvis Moura (1925-2003) e Beatriz Nascimento (1942-1995).

Já no capítulo “O Movimento dos Quilombos Educacionais” trataremos sobre o objetivo geral do nosso estudo, que é responder o que são os Quilombos Educacionais e como se organizam na cidade de Salvador-Ba.



## 2 O ASPECTO EDUCADOR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Não dá para iniciar um estudo sobre os Quilombos Educacionais sem antes falarmos um pouco dos Movimentos Sociais e das lutas que os mesmos promovem visando à emancipação dos estratos sociais que representam. Ao longo da história, foi através da luta dos movimentos sociais que muitos direitos foram alcançados pela população. Os Movimentos Feministas, os Movimentos de Mulheres Negras, o Movimento Negro, os Movimentos Sindicais, os Movimentos por Reforma Agrária, direito à moradia, o Movimento LGBTTT+, entre outros, travaram verdadeiras batalhas em defesa dos direitos humanos. Sem eles viveríamos, com toda certeza, em um mundo bem menos democrático.

Muitos desses movimentos surgiram ou se fortaleceram durante o século XX, e em se tratando do contexto brasileiro, muitos se reorganizaram durante os períodos de repressão, principalmente durante os anos em que vivíamos sob o regime da ditadura militar.

É importante demarcar qual a ideia que temos acerca do que são os movimentos sociais. Sendo assim, entendemos por movimento social todas as,

[...] ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (cf. Gohn, 2008). Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas. (GOHN, 2011, p. 335)

Todavia, considero que essas “ações sociais coletivas”, precisam ser contra hegemônicas e não opressoras para se encaixarem no que entendemos enquanto movimento social. Ao expressarem suas demandas, esses movimentos tensionam as estruturas de poder da sociedade, apontando que existem problemas que precisam ser solucionados no campo sociopolítico. Esses problemas muitas vezes surgem por conta das opressões causadas pelo racismo, machismo, LGBTfobia e classismo tão presentes no contexto mundial. Dessa forma, as atuações dos movimentos sociais educam a sociedade, governo e estado, à medida que propõem formas de tentar solucionar tais problemas. Ou seja, os movimentos sociais são

responsáveis por todo um processo de (re)educação social. De acordo com Nilma Lino Gomes (2017),

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento. (p. 16-17)

Além de Nilma, outros autores(as) se debruçaram sobre o aspecto educador presente na atuação dos movimentos sociais, a exemplo de (NASCIMENTO, A., 1999; ARROYO, 2003, 2015; GOHN, 2011). Esses autores nos mostram que essas organizações são educadoras não somente no campo simbólico, mas também no campo prático. Os movimentos sociais criam novas pedagogias, propõem novos currículos e promovem cursos de formações. Ou seja, a atuação dos movimentos sociais tem gerado, ao longo da história brasileira, profundas mudanças sociopolíticas e culturais.

No campo educacional, os movimentos sociais se constituem enquanto verdadeiros pedagogos. Eles nos ensinam o quão necessário é compreender e repensar questões fundamentais no trato com os diversos sujeitos e saberes. Com isso, eles produzem o que Gomes (2017) chama de *pedagogia das ausências e das emergências*<sup>3</sup>. Já Miguel Arroyo (2003) nos fala que,

Os movimentos sociais trazem para a pedagogia algo mais do que conselhos moralizantes tão do uso das relações entre mestres e alunos. Recolocam a ética na dimensões mais radicais da convivência humana, no destino da riqueza, socialmente produzida, na função social da terra, na denúncia da imoralidade das condições inumanas, na miséria, na exploração, nos assassinatos impunes, no desrespeito à vida, às mulheres, aos negros, na exploração até da infância, no desenraizamento, na pobreza e injustiça... Aí nessas radicalidades da experiência humana os movimentos sociais repõem a ética e a moralidade tão ausentes no pensamento político e social. E pedagógico também. Eles reeducam os indivíduos, os grupos e a sociedade.

---

<sup>3</sup> Gomes (2017) se baseia no conceito de “sociologia das ausências e das emergências” proposto pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2004). Segundo a autora, a “pedagogia das ausências e das emergências” tem por objetivo demonstrar que o que supostamente não existe, na verdade existe, mas é produzido como inexistente por uma cultura hegemônica. Dessa forma, o intuito da pedagogia das ausências e das emergências é “transformar as ausências em presenças”, emergindo assim uma pluralidade de possibilidades.

Nos processos educativos há um misto explosivo de condições objetivas, de crenças, valores, culturas, memória, identidades, subjetividades, emoções, rituais, símbolos, comemorações... que se dão de maneira privilegiada nos movimentos sociais. (p. 42-43)

Diante disso, os movimentos sociais acabam por incentivar a construção de novas matrizes curriculares. Ainda de acordo com Arroyo (2015) eles

[...] nos apontam para a construção de outros currículos, na medida em que defendem ocupar o latifúndio do saber, as escolas, as universidades, os currículos para plantar e afirmar outros conhecimentos. Para afirmarem-se produtores de outras culturas e valores. (p. 67)

Ainda pensando na pedagogia dos movimentos sociais, podemos também dizer que eles nas suas práxis pedagógicas, praticam o que Paulo Freire chamou de “pedagogia do oprimido”. Freire (2018) nos diz que a pedagogia do oprimido é,

[...] aquela que tem de ser forjada *com* ele e não *para* ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (p. 43, grifos do autor)

Seja por meio de uma *pedagogia das ausências e das emergências* (GOMES, 2017) ou de uma *pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2018), o que podemos afirmar é que os movimentos sociais estão sempre em busca da emancipação política dos sujeitos que representam.

No nosso estudo, o movimento social que daremos destaque será o Movimento Negro Brasileiro, pois, é através da sua atuação que nascem os Quilombos Educacionais no início da década de 90, fruto de umas das muitas frentes de luta desse movimento - a democratização do acesso ao ensino superior. Democratização essa, tão necessária naqueles anos onde a presença de estudantes negros e negras no ensino superior ainda era muito escassa, principalmente em se tratando do ensino superior público.

## 2.1 EDUCAÇÃO: TRINCHEIRA DE LUTA DO MOVIMENTO NEGRO

Depois de termos nos debruçado sobre o caráter educador dos movimentos sociais, falaremos um pouco a respeito de um movimento social específico - o Movimento Negro Brasileiro – movimento esse que tem a educação como a sua

principal trincheira de luta. Vendo que a educação se configura como um dos principais, senão o principal, instrumento de emancipação e liberdade de um povo, mas também sabendo que por meio dela o racismo conseguiu se introjetar na sociedade, o Movimento Negro acabou tendo na educação a sua principal frente de atuação.

Educação é espaço de poder, e assim sendo, é também espaço de dominação. No Brasil, durante muito tempo, o povo negro teve o acesso à educação sistematicamente negado. A branquitude, sabendo do poder que a educação pode propiciar, criou diversos mecanismos para barrar a entrada da população negra nas instituições de ensino formal. Até os primeiros anos do século XX, a presença de estudantes negros e negras nas instituições de ensino era ínfima. Cabe ressaltar, que nesse período a maioria das escolas oficiais pertencia ao Estado, ou seja, eram públicas.

Como se não bastasse, quando a população negra consegue ingressar no ambiente escolar, depara-se com toda uma estrutura racista. Vários/as intelectuais negros/as já se debruçaram sobre o racismo produzido e reproduzido no ambiente escolar (GONÇALVES, 1985; CAVALLEIRO, 2003; SILVA, 2004) entre outros. Escondido por trás do mito da democracia racial brasileira, o racismo se apresenta de diversas maneiras na escola. Seja por meio do livro didático, nas relações interpessoais ou pelo silenciamento da história e cultura do povo negro e africano.

Não temos a pretensão, neste trabalho, de nos aprofundarmos a respeito do racismo no ambiente escolar. Outros/as autores/as já o fizeram e denunciaram de maneira brilhante. Entretanto, faz-se necessária essa breve contextualização acerca do tema, para entendermos melhor os motivos pelos quais o Movimento Negro elege a educação como importante pauta da luta antirracista.

Assim como foi importante explicitar o que entendemos por movimento social, também consideramos importante trazer o que para nós é o Movimento Negro. Dessa forma, entendemos por Movimento Negro,

[...] as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos

diferentes espaços e lugares na sociedade. (GOMES, 2017, p. 23-24, grifos da autora)

Outra categoria importante para compreendermos são a das “negras e negros em movimento”. De acordo com Gomes (2017) fazem parte dessa categoria:

[...] artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãs e cidadãos que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica. (GOMES, 2017, p. 18)

As negras e negros em movimento acabam atuando de maneira articulada com o Movimento Negro. Além disso, não podemos perder de vista o fato de que, individualmente, cada integrante do Movimento Negro é, na verdade, uma negra ou um negro em movimento. No entanto, acreditamos que a atuação desses negros e negras em movimento precisa ocorrer coletivamente.

Utilizamos o termo *Movimento Negro* no singular porque entendemos que existe um objetivo em comum entre todas as formas de organização, que é o combate ao racismo. Embora saibamos que o termo também pode ser usado no plural - *Movimentos Negros* - já que as estratégias de luta são variadas.

A reorganização do Movimento Negro Brasileiro, assim como a de outros movimentos sociais, acontece durante a ditadura militar. Foi na década de 70 que as principais organizações do MN se estruturaram por todo o Brasil, com destaque para o ano de 1978, com a fundação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) na cidade de São Paulo (posteriormente rebatizado como Movimento Negro Unificado - MNU), organização que se espalhou pelos diversos estados brasileiros. Ainda em 1978, tivemos a criação do Grupo Negro em Salvador, grupo esse que veio a se tornar o MNU da Bahia (CARDOSO, 2006).

Falamos em reorganização, pois, antes do período da ditadura militar, outros grupos já haviam se organizado no cenário brasileiro. Aqui na Bahia, por exemplo, quando o regime escravista ainda estava em curso, tanto a Conjuração Baiana<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Também chamada de Revolta dos Alfaiates, Revolta dos Búzios ou Inconfidência Baiana. Deflagrada na cidade de Salvador no dia 12 de agosto de 1798, foi um movimento revolucionário negro que objetivava o fim da escravidão, a igualdade de direitos para as raças e a proclamação da república. Teve como principais líderes: os soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens, e os alfaiates Manuel Faustino e João de Deus, todos negros e condenados à morte por enforcamento em praça pública, tendo seus corpos esquartejados e expostos em locais públicos da cidade. A execução da pena ocorreu em 8 de novembro de 1799, na praça chamada, paradoxalmente, de Praça da Piedade, no centro da capital baiana.

(século XVIII) como a Revolta dos Malês (século XIX) foram ações de negras e negros organizados/as que podem se encaixar no que entendemos como Movimento Negro.

Na primeira metade do século XX, organizações importantes como a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN)<sup>5</sup> também se constituíram enquanto Movimento Negro. A FNB foi fundada em 1931, em São Paulo, como associação, chegando a se transformar em partido político no ano de 1936. Infelizmente, o partido acabou sendo extinto no ano seguinte, pelo então presidente Getúlio Vargas, por meio de um decreto que tornava ilegal todos os partidos. Já o TEN, foi um projeto criado em 1944 por Abdias Nascimento (1914-2011) e que visava o fortalecimento da população negra através da arte, educação e cultura, formando atores e atrizes negros e negras.

Voltando para o contexto baiano, temos ainda o movimento dos Blocos Afros e Afoxés no carnaval de Salvador. Considerado o primeiro bloco afro, o Ilê Aiyê foi fundado em 1974, ou seja, quatro anos antes da fundação do MNU. Podemos considerá-los parte do Movimento Negro.

Falemos agora das ações do Movimento Negro no campo educacional. Vimos que o MN atuou em diversas frentes de luta - arte, cultura e política - mas a educação sempre esteve presente de alguma forma nesses outros campos de atuação. No contexto brasileiro, o Movimento Negro suscitou inúmeros debates importantes em prol de uma educação menos discriminatória e racista.

Através da sua luta, o Movimento Negro pressionou o Estado Brasileiro, fazendo com que leis importantes tenham sido aprovadas no campo jurídico e educacional. Algumas delas são: a Lei 7.716/1989, também conhecida como Lei Caó, que criminaliza o racismo, tornando-o imprescritível e inafiançável, além das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (nº 9394/1996) e torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena em toda a educação básica do país. Não obstante, é ainda como fruto das reivindicações dos movimentos sociais, sobretudo do MN, que a lei de nº 12.711/2012 (Lei de Cotas) é sancionada, estabelecendo a

---

<sup>5</sup> Sobre o TEN, ler: NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 209-224, 1 abr. 2004.

reserva de vagas para estudantes de escolas públicas, pretos, indígenas e pessoas com deficiência nos vestibulares para ingresso nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Respaldado pela Lei de Cotas, o Movimento Negro também lutou pela inclusão da reserva de vagas nos processos seletivos dos cursos de pós-graduação das universidades públicas. Além disso, tem cobrado que as instituições públicas cumpram a reserva de vagas para os concursos públicos, em conformidade com a Lei 12.990/2014, esta que também é fruto da luta desse movimento.

No ambiente acadêmico, as *negras e negros em movimento* – intelectuais negros/as - foram responsáveis pela criação de grupos de pesquisa que têm a questão racial como foco de estudo. Foram também responsáveis pela criação da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) nos anos 2000, e no âmbito do Estado da Bahia pela fundação da Associação de Pesquisadores Negros da Bahia (APNB), no ano de 2004. Essas associações realizam, respectivamente, o Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE), que em 2018 teve a sua décima edição, e o Congresso Baiano de Pesquisadores/as Negros/as, que nesse ano de 2019 teve a sua sétima edição realizada.

A atuação do Movimento Negro também tem influência em relação à criação da educação quilombola, uma modalidade de educação específica para os territórios remanescentes de quilombos.

Diante do exposto, podemos verificar as inúmeras contribuições que o Movimento Negro promoveu no campo educacional. Mesmo sem perder de vista as mudanças que a educação brasileira ainda precisa passar para romper de vez com práticas discriminatórias, muitos dos avanços que tivemos, sem sombra de dúvidas, não teriam acontecido se não fosse a atuação combativa do Movimento Negro Brasileiro e dos demais movimentos sociais.

## 2.2 OS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES

O acesso ao ensino superior no Brasil foi, durante muito tempo, privilégio de poucos. Historicamente, esse espaço era majoritariamente ocupado pela elite branca brasileira, e vários foram os fatores que contribuíram para que o ensino superior tivesse esse cenário. Sabemos que o Estado Brasileiro é alicerçado pelo racismo que é estrutural e, por conta disso, a população negra e pobre desse país

enfrentou e ainda enfrenta muitas dificuldades para ingressar e permanecer no ambiente universitário.

No tópico anterior, destacamos algumas das contribuições que os movimentos sociais trouxeram para a nossa sociedade. Também falamos sobre a luta desses movimentos pela democratização do acesso ao ensino superior, tendo como um dos resultados a aprovação da Lei de Cotas pelo Estado.

Embora a política de reserva de vagas tenha sido um vitorioso avanço, ela só começou a surgir no Brasil nos primeiros anos do século XXI. Antes disso, os sujeitos pertencentes aos estratos sociais menos favorecidos (negros e pobres) tinham que enfrentar uma concorrência extremamente desleal para ingressar nas universidades. Desleal, uma vez que a maioria dessa população vinha (e ainda vem) da escola pública, escola esta que sofreu um processo sistemático de sucateamento. Além desse fator, essa população é formada por uma classe trabalhadora, que muitas vezes tem que escolher entre trabalhar e estudar, e por motivos objetivos (sobrevivência), acabam por escolher a primeira opção em detrimento da segunda. E como se não bastasse, ainda tem o fato de que, financeiramente falando, não é nada fácil se manter no ensino superior, seja ele público ou privado.

Cabe ressaltar, que o sucateamento da escola pública não se deu por acaso. Durante muito tempo, a escola pública brasileira foi frequentada pela elite e oferecia um ensino considerado de excelência. Não à toa, muitos personagens da elite desse país estudaram no ensino público. Acontece que, com o avanço do neoliberalismo econômico na segunda metade do século XX, a educação passou a ser utilizada como mercadoria, e isso acabou resultando no avanço das instituições particulares de ensino. A partir daí, a elite burguesa começa o movimento de migrar das escolas públicas para as privadas. Ficando a escola pública com a responsabilidade de atender às classes subalternizadas, diminui o interesse do Estado em manter um ensino de qualidade nessas instituições.

Consideramos importante realizar esse apontamento, para que a escola pública não seja irresponsavelmente culpabilizada. Se hoje a educação básica oferecida pela rede pública encontra-se em crise, isto se deve ao descaso do Estado Brasileiro para com a população por ela atendida. Voltemos então a falar sobre os movimentos sociais.



Sabendo o quão importante é o ingresso no ensino superior para a ascensão socioeconômica, conhecendo a precariedade que se estabelecia na escola pública, e tendo ciência das dificuldades financeiras das populações subalternizadas, os movimentos sociais, em mais uma atitude visionária e revolucionária, idealizaram os chamados Cursos Pré-vestibulares Populares e/ou Comunitários. Conforme Thum (2002, p.52-53),

As **“Experiências de Pré-Vestibulares Populares”** são experiências forjadas no seio dos movimentos sociais que, tendo percebido a importância do processo educacional, como um dos elementos capazes de contribuir com o rompimento do “ciclo marginalizador” imposto às classes populares, tem buscado a ampliação dos espaços educativos com finalidade de possibilitar uma maior **formação política/cultural e instrumental** para o exame “vestibular” bem como contribuir no desenvolvimento da autoestima, da autonomia, da solidariedade, do sistema coletivo de organização e participação de pessoas que, descapitalizadas econômica e culturalmente não estão em pé de igualdade na disputa pela vaga na universidade.” (apud VASCONCELOS, 2015, p.19-20, grifos do autor).

Embora haja registros da existência de cursos pré-vestibulares populares já na década de 70 como, por exemplo, um curso pré-vestibular para negros organizado pelo Centro de Estudos Brasil-África (CEBA) no município de São Gonçalo-RJ em 1975, e o projeto “Universidade para Trabalhadores” promovido pela Associação dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1986 (NASCIMENTO, 2010), esses cursos começam a se expandir nos primeiros anos da década de 90, sendo um movimento que se espalhou por todo o Brasil. Àquela altura, as demandas pelo acesso ao ensino superior estavam em pleno crescimento, havendo no Brasil, a partir da década de 80, um avanço dos cursinhos pré-vestibular. Entretanto, a maioria desses cursinhos era particular, e boa parte da população periférica não tinha condições de arcar com os valores cobrados.

É aí que os movimentos sociais criam os primeiros cursinhos gratuitos, ou oferecidos a preços populares, para que a população pobre pudesse ter uma formação complementar para os concursos vestibulares. Alexandre do Nascimento (2008) define os cursos pré-vestibulares populares da seguinte forma,

[...] iniciativas educacionais de entidades diversas, de trabalhadores em educação e de grupos comunitários, destinados a uma parcela da população que é colocada em situação de desvantagem pela situação de pobreza que lhe é imposta.

Um dado importante é que, **na maioria dos cursos pré-vestibulares populares, há preocupações que extrapolam a preparação para o vestibular.** Trata-se de preocupações políticas, que se explicitam nos discursos dos seus participantes, nas propostas e nas práticas dos cursos, que vão desde atividades desenvolvidas em sala de aula visando a construção de uma nova consciência em seus educandos (consciência racial, de gênero, de classe, dos problemas sociais, etc.), passando por seminários, fóruns de discussões, assembléias, negociação de isenções e bolsas com universidades, ações judiciais, formulação de propostas para facilitar o acesso e a permanência de estudantes das classes populares no ensino superior e democratizar a educação e o acesso ao conhecimento. (NASCIMENTO, A., 2008, p. 46, grifos nosso).

Como Nascimento bem pontuou, o objetivo dos cursos pré-vestibulares populares não se restringe apenas à aprovação dos estudantes no vestibular. É necessário formar os sujeitos criticamente, para que eles estejam, pelo menos minimamente, preparados para combater e denunciar as opressões que se dão nas relações presentes nas estruturas sociais. Ainda de acordo com o autor,

Podemos dizer que as preocupações e práticas além do ensino para o vestibular indicam a compreensão de que as desigualdades sociais e raciais na educação, em geral, e no ensino superior, em particular, são mais que falta de preparo para o vestibular. De fato, na história brasileira as desigualdades têm no processo de formação da sociedade e na discriminação importantes elementos elucidativos. E, apesar das dificuldades da época presente, o trabalho desses cursos pré-vestibulares indica, também, a insistência dos setores populares da sociedade em acreditar que há razões para prosseguir lutando por cidadania, por igualdade racial e social, pelo respeito à diferença e à diversidade, por uma outra sociedade e pela vida. (NASCIMENTO, A., 2008, p. 47).

Ou seja, a formação política é algo basilar na constituição desses cursos. Por conta disso, Nascimento (2010) considera os Cursos Pré-Vestibulares Populares não somente um fruto da luta dos movimentos sociais, mas um movimento social a parte – o que ele chama de *Movimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares*. Ainda segundo o autor, esse movimento é um dos maiores, senão o maior, movimento social urbano do Brasil, devido o número expressivo de pessoas envolvidas.

Uma das diversas contribuições oriunda da luta desse movimento foi a isenção do pagamento das taxas de inscrição no vestibular para as famílias de baixa renda.

Os cursos pré-vestibulares populares, também chamados de cursos pré-vestibulares comunitários e/ou sociais funcionam, geralmente, dentro das comunidades periféricas das cidades. Atendem, prioritariamente, estudantes oriundos da escola pública, e a preparação para o vestibular se dá geralmente em um ano letivo.

Uma característica desses cursos é o fato do corpo docente geralmente ser composto por voluntários. A maioria desses cursos possui uma gestão horizontal, onde todos participam das principais decisões, como aponta Silva Filho (2004, p. 123): “As relações internas nos cursos são mais horizontais do que nos cursos tradicionais, tanto entre os docentes e a coordenação como entre os docentes e os alunos, com um grau de informalismo e des-hierarquização acentuado.”.

Outra característica dos cursos pré-vestibulares populares é a autonomia financeira. Quando não funcionam de forma 100% gratuita, esses cursos mantêm as suas atividades com o auxílio de pequenas taxas cobradas dos estudantes, e com doações de terceiros.

Raramente os cursos pré-vestibulares populares dispõem de sede própria. Geralmente funcionam em espaços cedidos por terceiros. Por conta dessas dificuldades, não é incomum que esses cursos não consigam manter as atividades durante muitos anos, ou precisem migrar de um local para outro durante o período em que estão em funcionamento.

Um aspecto que merece destaque é que os cursos pré-vestibulares populares muitas vezes se constituem enquanto o primeiro espaço de prática docente para muitos dos/as professores/as que participam desses projetos. Esses/as professore/as são profissionais engajados na luta pela educação. Alguns deles ainda estão cursando as suas licenciaturas, e encontram nesses pré-vestibulares a primeira oportunidade de lecionar. Portanto, consideramos que essas organizações são um espaço formativo não só para os estudantes, mas também para o seu corpo docente. Moraes e Oliveira (2006) realizaram um estudo com professores do Curso Pré-Vestibular Popular (CPV), oferecido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Esses/as docentes eram estudantes dos diversos cursos da referida universidade. De acordo com as autoras,

O CPV é um projeto que permite aos professores a exploração em espaços, funções e responsabilidades que as instituições regulares de ensino, geralmente, não permitem. Os professores deliberam sobre os rumos pedagógicos e organizacionais, assumem

responsabilidades no âmbito de coordenação – fazendo parte do grupo coordenador ou como coordenadores de suas áreas de atuação – compartilham com seus pares seus anseios e propõem soluções, havendo negociações de processos, conteúdos e dinâmicas.

É um espaço em que os professores, constantemente, redefinem suas práticas de ensino individuais, com base nas reflexões individuais ou coletivas proporcionadas pela elaboração de simulados, participação em processos seletivos de professores e alunos [...] (MORAES; OLIVEIRA, 2006, p.143).

Embora o estudo tenha sido desenvolvido em um contexto específico, o resultado pode ser utilizado para pensarmos os cursos pré-vestibulares populares de maneira geral. As atividades dos cursinhos podem e devem ser consideradas como um espaço complementar de formação docente para esses professores/estudantes. Ainda segundo as autoras, esses cursos se constituem em,

[...] espaços que proporcionam aos professores a expressão de suas compreensões sobre o ensino e matéria que lecionam, a reflexão sobre tais compreensões, ressignificação do ensino e redefinição de estratégias de ensino e de repertório representacional para ensinar. (MORAES; OLIVEIRA, 2006, p. 143).

Como os/as professore/as geralmente atuam de maneira voluntária para os cursos pré-vestibulares populares, é comum que esses/as docentes tenham dupla, ou até tripla jornada de trabalho, pois precisam se manter financeiramente.

Em se tratando das e dos estudantes desses cursos, a realidade não é muito diferente. Como já foi dito, o corpo discente desses cursos é composto majoritariamente por jovens oriundos das camadas mais vulneráveis da sociedade. Muitos deles, além do estudo, precisam trabalhar para ajudar nas despesas de casa, pois sabemos que, infelizmente, o desemprego é um mal que atinge essas famílias. A dificuldade financeira é uma dos principais motivos que levam a evasão desses estudantes. É comum que durante o período do curso, eles necessitam abandonar as aulas porque precisam trabalhar, ou porque não tem sequer o dinheiro para se deslocarem até o local das aulas.

Consideramos importante pontuar que nem todo curso pré-vestibular popular tem por característica a formação política dos seus estudantes. Alguns somente oferecem (ainda que de maneira gratuita) as aulas preparatórias para o vestibular das universidades e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como é o caso do curso PréVest – Voluntários pela educação, que funciona em uma faculdade privada, e o Pré-Vestibular Social (Pré-Vest) que funciona na UFBA, ambos em

Salvador. Alguns cursos pré-vestibulares tidos como populares são fruto de programas governamentais, como é o caso do Projeto Universidade Para Todos (UPT), criado pelo Governo do Estado da Bahia em parceria com as Universidades Estaduais, e que já conta com 15 anos de atividade. Embora não haja uma preocupação desses cursos para com a formação política dos estudantes, eles não deixam de serem projetos importantes para as populações menos favorecidas.

### 2.3 A INICIATIVA DO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

Na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, surge no ano de 1993, o Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC). Esse curso teve como uma das inspirações o modelo do Instituto Steve Biko, fundado em Salvador em 1992.

Falaremos brevemente da atuação do PVNC, pois entendemos que a maneira que ele se configura é bastante parecida com o que entendemos por Quilombo Educacional no contexto baiano, ainda que essa denominação não seja atribuída e nem reivindicada pelo PVNC.

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes, como o próprio nome sugere, é um curso preparatório para o vestibular, que atende a população negra das periferias do Rio de Janeiro. O PVNC não só prepara os estudantes por meio do ensino dos conteúdos cobrados pelos vestibulares, esse movimento promove a formação política e identitárias dos seus membros. Alexandre do Nascimento realizou um denso estudo sobre o PVNC, além de ter sido um dos seus fundadores. Em sua tese de doutorado intitulada *“Do Direito à Universidade à Universalização de Direitos: O Movimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares e as Políticas de Ação Afirmativa”*, o autor traz um trecho da Carta de Princípios do PVNC que diz o seguinte,

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) é um movimento de educação popular, laico e apartidário, que atua no campo da educação através da capacitação para o vestibular, de estudantes economicamente desfavorecidos em geral e negros(as) em particular. Com o ensino pré-vestibular e outras ações, o PVNC quer ser, em caráter geral um Movimento de luta contra qualquer forma de racismo e exclusão e, em caráter específico, uma frente de denúncia, questionamento e luta pela melhoria e democratização da educação, através da defesa do Ensino Público, gratuito e de qualidade em seus níveis fundamental, médio e superior (CARTA DE PRINCÍPIOS DO PVNC, 1998 apud NASCIMENTO, A., 2010).

Como podemos ver, uma das características principais do PVNC é o combate ao racismo. Para esse movimento, a entrada dos estudantes na universidade não é o único objetivo.

O PVNC nasce a partir da atuação do Movimento Negro, que percebia que mesmo entre pobres, os negros eram minoria no que se refere ao acesso ao ensino superior. Segundo Nascimento (1999), o PVNC é dividido em dezenas de núcleos espalhados Rio de Janeiro e, além dos conteúdos do vestibular, oferta a disciplina “Cultura e Cidadania” que é algo que se aproxima muito com o que chamamos nos Quilombos Educacionais em Salvador por *Cidadania e Consciência Negra* (CCN). Em relação à matéria Cultura e Cidadania, o autor nos fala que,

[...] tem uma função importante no processo formativo do PVNC, constituindo-se numa das suas ações afirmativas. É através dos conteúdos e debates de “Cultura e Cidadania” que o PVNC acredita desenvolver um processo de formação para a cidadania, de conscientização sobre as questões que são importantes para o movimento. (NASCIMENTO, A., 2010, p. 96).

Assim como a maioria dos cursos pré-vestibulares populares, o PVNC tem uma gestão horizontalizada, onde as decisões são tomadas de maneira colegiada. Esse Movimento realiza palestras e seminários, com o objetivo de aprofundar o debate acerca da educação e das relações étnico-raciais.

Nascimento (2010) conta que o Pré-Vestibular para Negros e Carentes procurou as universidades do Rio de Janeiro, com o intuito de garantir a isenção do pagamento das taxas para o vestibular. Ainda no ano da sua fundação, em 1993, o PVNC conseguiu junto às universidades públicas do Rio de Janeiro (UERJ e UFRJ) 100% de isenção da taxa para os seus estudantes. Não obstante, conseguiu que os estudantes que foram aprovados na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) recebessem bolsas de estudo. Na ocasião, cinco estudantes foram aprovados na PUC. A partir daí, o PVNC passou a dialogar com outras instituições de ensino privada, propondo que elas seguissem o exemplo da PUC, atitude exitosa, uma vez que outras instituições seguiram pelo mesmo caminho, cedendo bolsas aos aprovados, nem que fosse por um ano (NASCIMENTO, A., 2010).

Diante do exposto, fica evidente que a atuação no PVNC se confunde com a do Movimento Negro, no sentido de que o primeiro é fruto do segundo, e objetivam, acima de qualquer coisa, o combate ao racismo e a todas as formas de discriminação.

Outro Curso Pré-Vestibular importante no Estado do Rio de Janeiro é o EDUCAFRO, também da década de 90. O EDUCAFRO é uma rede mantida por uma organização sem fins lucrativos que possui ligação com a Igreja católica, a Francisco de Assis: Educação, Cidadania, Inclusão e Direitos Humanos – FAECIDH (NASCIMENTO, A., 2010).

Mediante o exposto, podemos concluir que os movimentos sociais dinamizam o campo da educação e nos ensinam outras pedagogias possíveis, pedagogias essas que são diferentes daquela tradicional que acaba violentando os sujeitos. Além disso, é possível constatar a importância desses movimentos para a formação e emancipação política dos grupos historicamente subalternizados.

### 3 AQUILOMBAR-SE É PRECISO: O QUE O QUILOMBO REPRESENTA PARA A LUTA DO POVO NEGRO NO BRASIL

No capítulo anterior discutimos sobre a importância dos movimentos sociais para a educação e de que forma eles se organizaram em busca de maiores oportunidades para os estratos sociais que representam.

Uma das formas de organização e resistência do povo negro foi o Quilombo. Para nós, o Quilombo representa muito mais do que um espaço de fuga, embora também o seja. Quilombo é, sobretudo, espaço de resistência, de criação, de reafirmação, ressignificação e de (re)encontro com a nossa ancestralidade. Com efeito, a prática de se aquilombar ultrapassa os limites temporais do período escravagista. Da mesma forma que os quilombos eram necessários durante o processo de escravização africana pelo europeus, faz-se necessário que o povo negro resgate e ressignifique o Quilombo enquanto estratégia de resistência e luta na contemporaneidade.

Com o propósito de discutirmos sobre o Quilombo, traremos três intelectuais negros que produziram estudos importantes sobre esse tema. São eles: Abdias Nascimento (1914-2011), Beatriz Nascimento (1942-1995) e Clóvis Moura (1925-2003). Nesse sentido, abordaremos o conceito de *Quilombismo* em Abdias (2009), de *Quilombo* em Beatriz (2006), e o de *Quilombagem* em Moura (2001).

#### 3.1 A QUILOMBAGEM EM CLÓVIS MOURA

Nascido na cidade de Amarante, no Piauí, no ano de 1925, Clóvis Steiger de Assis Moura foi sociólogo, escritor e jornalista. Seu pai era um homem negro maranhense, enquanto sua mãe era uma mulher branca baiana, de ascendência suíça. Militou pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e depois pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Clóvis Moura (1925-2003) foi um dos maiores estudiosos sobre os quilombos. Engajado na luta antirracista, publicou diversas obras sobre o negro no Brasil. Uma das mais conhecidas é o livro *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988), além de outras como *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* (1977) e *Quilombos: Resistência ao escravismo* (1993).



Tinha o quilombo como seu principal objeto de estudo. Ele questionava a visão passada por teóricos como Gilberto Freyre a respeito de uma suposta passividade do negro durante o período escravocrata. Com isso, debruça-se sobre a temática quilombola, trazendo o quilombo como uma das principais formas de resistência do povo negro, refutando completamente a ideia de uma passividade negra.

No livro *Os Quilombos na dinâmica social do Brasil*, publicado em 2001 e organizado por ele, Clóvis Moura, no capítulo “A quilombagem como expressão de protesto radical”, reflete sobre a importância do quilombo para os escravizados, e de que forma a existência dessa instituição fragilizava a estrutura escravagista. Moura (2001) considerava o quilombo como uma entidade que se contrapunha radicalmente em relação ao escravismo. O autor pontua que não havia forma de um escravizado se opor ao sistema que não fosse de uma maneira radical, justamente porque a estrutura social posta durante aquele período tornava a mobilidade social algo extremamente complicado. Nas palavras do autor: “sociologicamente essa realidade surge da impermeabilidade do sistema escravista para com o escravo. É somente no quilombo que ele adquire a cidadania.” (MOURA, 2001, p. 106).

Para Clóvis Moura, o território do quilombo deve ser conquistado. Jamais o quilombola poderia comprá-lo ou arrendá-lo. O espaço deveria ser desapropriado e/ou ocupado, sendo que muitas vezes isso acontecia através do uso da violência.

O quilombo possuía uma forma de poder contrária ao poder estabelecido pelo Estado. Quilombo e Estado eram organizações antagônicas em todos os sentidos. Segundo Moura,

A terra, o espaço quilombola, é um reduto livre que também nega o sistema de propriedade escravista. [...] O território quilombola é também uma negação dialética do tipo de propriedade legal no escravismo. A mesma coisa podemos dizer do ponto de vista político. O quilombo é um reduto que expressa a sua radicalidade através da formação de um outro poder: o Poder quilombola. Somente assim o quilombo poderá ser governado. Socialmente o quilombo também é uma expressão de radicalidade. Ele não reproduz o tipo de propriedade, família e distribuição de renda de acordo com o sistema escravista. Pelo contrário. Economicamente o seu sistema de trabalho, executado por homens livres é outra negação ao trabalho escravo praticado nos engenhos, nos latifúndios e fazendas. Além disto, é também uma negação à monocultura de exportação, produzindo uma policultura para o consumo. Em todos os níveis da sua estrutura, portanto, o quilombo expressa essa radicalidade de negação à ordem social escravista, suas instituições e valores. (MOURA, 2001, p. 106, grifos do autor).

De maneira resumida, o autor destaca alguns pontos antagônicos entre quilombo e sistema escravista. No quilombo encontramos: homens livres, terras livres confiscadas, trabalho comunal livre, coletivismo agrário, forças armadas de defesa e família alternativa livre. Já no sistema escravista o que se encontra é: sujeitos escravizados, latifúndios escravistas, trabalho forçado, produção para o senhor, forças armadas com intuito de reprimir, e famílias utilizadas como reprodutoras de escravizados (MOURA, 2001).

Dessa forma, o Quilombo se configura enquanto espaço de insurgência e tornou-se uma terrível ameaça para o Estado escravagista da época. Por isso era tão temido e perseguido. Também por conta disso, o Estado brasileiro promoveu inúmeros ataques aos diversos quilombos existentes por todo o país durante a vigência da escravidão.

É somente no território quilombola, que o/a escravizado/a<sup>6</sup> poderia reestabelecer a plenitude da sua humanidade, vivendo como homens e mulheres livres. O quilombo era capaz de restituir a cidadania que do lado de fora era sistematicamente negada a esses sujeitos. Mas para isso, a instituição quilombola não poderia, de nenhuma maneira, negociar com o Estado. Clóvis Moura (2001) alerta que qualquer tentativa de negociação com o sistema se constituía em um risco eminente de reescravização. Por conta disso a radicalidade deveria ser permanente.

É importante ressaltar que fora do quilombo, era possível encontrar negros e negras que não estivessem sob o jugo da escravidão – os libertos. Entretanto, ainda que libertos, esses sujeitos tinham uma série de direitos negados, e qualquer vacilo era suficiente para que a “liberdade” fosse interrompida. Eles eram, segundo o autor, “súditos do sistema escravista” (MOURA, 2001).

Dessa maneira, o quilombo tem o poder de outorgar o status de cidadania ao povo negro, no sentido que, antes da sua constituição, as pessoas negras eram tratadas apenas como mercadoria, como coisa. A partir do momento em que esse povo tem poder sobre si mesmo no território do quilombo e, de fora dele, enxerga-o como uma alternativa à senzala, isso acaba obrigando o sistema escravista a

---

<sup>6</sup> Estamos utilizando a todo o momento o termo “escravizado” ao invés de “escravo”, apesar de o autor utilizar o segundo termo em sua obra, pois entendemos que a palavra “escravo” acaba tendo o efeito de naturalizar o sujeito a essa condição. O povo negro não é escravo em sua essência. Ele, na verdade, foi escravizado por um supremacismo branco.

enxergar a população negra não somente como objeto, mas como o *outro*. E esse outro é alguém a quem o sistema escravista se vê obrigado a dialogar, porque ele ameaça a sua hegemonia.

Por conta de todas essas características do quilombo enquanto instituição física, e considerando que a sua força também se constitui em termos ideológicos, Clovis Moura chama esse conjunto, essa práxis, de *Quilombagem*. Segundo o autor, a quilombagem é definida como,

[...] um movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico, social e militar – e influenciou poderosamente para que este tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre. (MOURA, 1989, p. 22)

O autor ressalta que o sucesso da *quilombagem* nada tem a ver com o fato desse ou daquele quilombo ter sido ou não derrotado. A análise não pode acontecer de maneira isolada. Coletivamente falando, a *quilombagem* representou um “continuum de desgaste permanente às forças sociais, culturais, políticas e econômicas da escravidão e dos seus valores.” (MOURA, 2001, p. 108). Ele ainda refuta a ideia recorrente que muitos têm a respeito do quilombo enquanto apenas um lugar de fuga, e que não possui nenhuma outra intencionalidade. Para ele, essa ideia é fruto de um equívoco causado pela análise isolada de um quilombo específico. Embora também seja esse lugar de fuga, o quilombo, e por sua vez a *quilombagem*,

se articula socialmente como arma permanente de negação do sistema. E o nega no centro do eixo mais importante para o seu êxito: nas relações de trabalho entre o senhor e o escravo. É justamente no nível da produção que a quilombagem atinge o sistema escravista, vulnerabilizando-o e desgastando-o através da negação do trabalho do agente mais importante da dinâmica do sistema. É através da quilombagem que a luta de classes se realiza no bojo das relações senhor-escravo. (MOURA, 2001, p. 109).

Além de a quilombagem ter exercido um papel corrosivo nas relações de trabalho existentes no sistema vigente, a nosso ver, esse movimento representou uma potência de criação, ressignificação e resgate da cultura negra, justamente por nos mostrar esse “outro lado” da história.

### 3.2 O QUILOMBISMO EM ABDIAS NASCIMENTO

Abdias Nascimento (1914-2011) foi um escritor, poeta, político, dramaturgo e artista plástico brasileiro. Homem negro e ativista das causas do seu povo, é uma das maiores referências da intelectualidade negra. Participou da Frente Negra Brasileira na década de 30. Preso em 1941 após resistir a agressões racistas, criou o Teatro do Sentenciado na extinta Penitenciária do Carandiru.

Cria o Teatro Experimental do Negro (TEN) no Rio de Janeiro no ano de 1944. Essa iniciativa revolucionária foi responsável por inserir na cena da dramaturgia brasileira grandes nomes de atores e atrizes negros/as, como por exemplo, o da saudosa Ruth de Souza (1921-2019), uma das maiores atrizes da história desse país. Organizou o 1º Congresso do Negro Brasileiro na década de 50, e foi fundador do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Publicou livros considerados fundamentais para o estudo das relações étnico-raciais no Brasil – *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978) e *O Quilombismo* (1980). Além disso, foi Deputado Federal e Senador da República pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Abdias Nascimento foi um dos teóricos responsáveis pelo estudo dos Quilombos. O autor trabalha com o conceito de *quilombismo*, que para ele pode ser considerado como um “autêntico movimento, amplo e permanente” (NASCIMENTO, 2009). Segundo o autor,

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso, facilitando sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também podiam assumir modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante em sua sustentação. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba e gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém, tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. **A esse complexo de significações, e essa *praxis* afro-**

**brasileira, eu denomino quilombismo.** (NASCIMENTO, Abdias., 2009, p. 203, grifos nossos).

Nesse sentido, para Abdias, toda prática organizacional negra que tem como ideal a emancipação do povo negro, é uma prática quilombista. Partindo dessa perspectiva e relacionando com o contexto baiano, podemos considerar organizações como: Irmandade dos Homens Pretos, Irmandade da Boa Morte, Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), Bando de Teatro Olodum, Ilê Aiyê, além das várias organizações que compõem o Movimento Negro, como organizações quilombistas.

Nascimento (2009) nos fala que o quilombismo, como sistema econômico, se configura como uma adaptação do modelo de comunitarismo e/ou ujamaísmo<sup>7</sup> da tradição africana ao meio brasileiro. Esse modelo difere substancialmente do modelo capitalista que visa o lucro acima de qualquer coisa. No Quilombo, o trabalho não se define como uma forma de exploração ou castigo, mas como um dever e um direito social que tem como propósito o bem-estar da comunidade. Nesse contexto, o trabalhador não é utilizado apenas como objeto para enriquecer a classe burguesa, como acontece no capitalismo. No quilombismo, o sujeito trabalha em benefício próprio e da sua comunidade, levando ao crescimento individual e coletivo.

O autor faz uma lista com uma série de ensinamentos que podemos aprender com esse movimento. A essa lista ele denomina *ABC do Quilombismo* que, segundo ele, trata-se de um resumo, tendo em vista que os ensinamentos são muitos. Listaremos aqui, dentre as lições apresentadas por Nascimento (2009), algumas que consideramos basilares:

- O autoritarismo não deve ser tolerado. Por conta dele, o nosso povo vem sofrendo ao longo da história. Um exemplo disso na atualidade são as agressões perpetradas pelas forças policiais contra a população negra;

---

<sup>7</sup> Ujamaa é uma palavra oriunda do idioma suaíli (swahili), que pode ser traduzida como “família”. Deu nome a um conceito que deu base para um modelo de desenvolvimento social e econômico proposto pelo então presidente da Tanzânia Julius Nyerere, por meio da Declaração de Arusha, em 1967. O conceito de Ujamaa traz três pilares fundamentais: a criação de um sistema de partido único, objetivando a coesão política; a institucionalização da política econômica e social para promoção de igualdade social; e a autossuficiência cultural. A Ujamaa seria um dos caminhos para o chamado socialismo africano.

- O cuidado que devemos ter ao organizar a nossa luta. A organização da nossa luta enquanto povo deve ser realizada por nós mesmos, e é imprescindível que estejamos atentos ao fazer alianças com outras forças políticas, inclusive as que se dizem progressistas. O povo negro precisa ter poder de decisão nessas alianças, senão somos reduzidos a simples massa de manobra;
- A garantia de poder e decisão para o povo negro;
- A necessidade de estarmos cientes de que qualquer forma de organização emancipatória do povo negro será perseguida pela branquitude, pois “está na lógica inflexível do racismo brasileiro jamais permitir qualquer movimento libertário dos negros majoritários” (NASCIMENTO, Abdias., 2009, p. 208);
- Não devemos nos enganar: não vivemos em uma democracia racial. Não temos, de maneira efetiva, igualdade de direitos, de tratamentos, de oportunidades, de poder político e de respeito. “Se o encontro entre pessoas de raças diferentes ocorresse espontaneamente e livre da pressão do poder e prestígio socioeconômico do branco” (NASCIMENTO, Abdias., 2009, p. 209), ou seja, se muitas das mulheres negras não tivessem sido estupradas pelo supremacismo branco, aí sim a miscigenação teria sido positiva;
- Só reclamar e xingar não é o suficiente. Temos que nos mobilizar e nos organizar enquanto povo, empreendendo uma luta “enérgica, sem pausa e sem descanso, contra as destituições que nos atingem” (NASCIMENTO, Abdias., 2009, p. 212).

Essas foram algumas das diversas lições que Abdias Nascimento trouxe em sua obra acerca do Quilombismo. No ABC do Quilombismo, o autor traz um ensinamento para cada letra do alfabeto. O fato de termos trazido apenas as supracitadas, não quer dizer que as consideramos mais importantes do que as demais. Todas as outras são igualmente importantes. Entretanto, elegemos as lições

abordadas como fundamentais para nos ajudar a refletir, mais adiante, sobre a dinâmica dos Quilombos Educacionais.

Cabe ainda ressaltar que, para Nascimento (2009), o Quilombismo constituiu-se enquanto um movimento político de negros brasileiros, cujo objetivo é a criação de um *Estado Nacional Quilombista*, inspirado nos quilombos que existiram e ainda existem no país.

### 3.3 O QUILOMBO SEGUNDO BEATRIZ NASCIMENTO

Maria Beatriz do Nascimento (1942-1995) foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras. Mulher negra, nascida na capital sergipana no ano de 1942, filha da dona de casa Rubina Pereira do Nascimento e do pedreiro Francisco Xavier do Nascimento, foi a oitava entre dez filhos(as) do casal. Radicou-se no Rio de Janeiro.

Escritora, pesquisadora, professora e ativista negra, Beatriz nascimento era formada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participou, em 1974, da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças, na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde discutia com outros estudantes negros as temáticas raciais. Em 1981, conclui o curso de especialização em História pela UFF apresentando como trabalho final a pesquisa “Sistemas alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas”. Um dos trabalhos mais conhecidos de Beatriz foi o filme Ori (1989, 131 min) dirigido pela socióloga e cineasta Raquel Gerber. Neste trabalho, a autora narra a trajetória do Movimento Negro Brasileiro, fazendo uma articulação entre memória, religiosidade e arte, além de trazer o Quilombo sob outra perspectiva.

No texto intitulado *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (2005), Beatriz Nascimento traz um estudo detalhado sobre os quilombos, fazendo uma historiografia da origem do *Kilombo* no continente africano, mais precisamente em Angola, e sua reconfiguração na diáspora. A autora nos mostra que, da mesma maneira que a história do negro não começa apenas a partir do tráfico de escravizados, a origem do quilombo também é anterior a esse processo, tendo surgido na África.

De maneira parecida com o que fez Abdias Nascimento (2009), Beatriz Nascimento (2005) realiza uma discussão em relação ao aspecto ideológico do

Quilombo. A autora aponta que é no final do século XIX, período em que o sistema escravagista é oficialmente abolido no Brasil, que o quilombo passa de instituição física (local afastado onde os escravizados se refugiavam) para se tornar um símbolo de resistência para a luta do povo negro. Enquanto instituição, o quilombo já poderia ser considerado como símbolo de resistência à escravidão. No entanto, após o ano de 1888, ele ganha um novo significado, sendo utilizado como modelo de organização a ser seguido, visando o nosso fortalecimento enquanto povo negro. Segundo Beatriz Nascimento,

Tendo findado o antigo regime, com ele foi-se o estabelecimento como resistência à escravidão. Mas justamente por ter sido durante três séculos concretamente uma instituição livre, paralela ao sistema dominante, sua mística vai alimentar os anseios de liberdade da consciência nacional. (2005, p. 122-123).

Nas palavras da autora, o quilombo passa a ser lembrado como “desejo de uma utopia” (NASCIMENTO, Beatriz., 2005) em um momento em que o Brasil passava por um processo de construção de um ideal de nacionalidade.

Junto com a retomada da ideia de quilombo como modelo organizacional negro, nomes de heróis e heroínas negros e negras foram introduzidos no debate, como exemplos de liderança e forma de atuação. Nomes de personagens quilombolas como Zumbi dos Palmares, Dandara de Palmares, Aqualtune, Teresa de Benguela, Ganga Zumba, Akotirene, Zeferina, entre outros(as) foram resgatados e colocados em posição de destaque pelo povo negro.

Beatriz Nascimento (2005) ressalta que até a década de 70 do século XX, o negro brasileiro por não ser reconhecido como um sujeito de direitos, quase não pôde se expressar. A autoridade da sua voz era negada, de modo que as produções sobre a sua história partiam sempre da perspectiva do colonizador. O cenário começa a mudar a partir de 1970 com a reestruturação do Movimento Negro, movimento esse que encontrou na retórica do quilombo um símbolo de luta, propondo-o como um sistema alternativo ao que está posto na sociedade brasileira.

O Movimento Negro, ao tomar a ideia de quilombo como exemplo e ao reivindicar que o povo negro passasse a construir a sua própria narrativa da história, começa a contestar a história nacional contada pela narrativa hegemônica e colonial. Esse processo é chamado pela autora de “correção da nacionalidade” (NASCIMENTO, Beatriz., 2005). De acordo com Beatriz,



Como antes tinha servido de manifestação reativa ao colonialismo de fato, em 70 o quilombo volta-se como código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica. (NASCIMENTO, 2005, p. 124).

A autora ainda destaca o fato de o Movimento Negro Brasileiro ter sugerido que a data de 20 de novembro (dia em que Zumbi foi assassinado) fosse comemorada contrapondo-se a comemoração realizada no dia 13 de maio (dia em que a escravidão foi oficialmente abolida). Vocês podem estar se perguntando qual o sentido disso. Por que comemorar a data em que o grande herói de Palmares foi assassinado, ao invés de comemorar o dia em que a escravidão chegou ao fim?

O motivo é que existe todo um processo de romantização em volta do dia 13 de maio de 1888, que coloca Princesa Isabel como a grande heroína da abolição, como se ela tivesse feito um ato de bondade. E sabemos que isso não é verdade, haja vista que o império não tinha alternativa, uma vez que estava sendo fortemente pressionado. Cabe ressaltar que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão nas Américas. Já o enfoque na data de 20 de novembro, busca lembrar que o assassinato de Zumbi, fato que causou a derrocada do Quilombo dos Palmares, ocorreu a mando da Coroa Portuguesa. Ou seja, além de desmitificar fatos relativos à escravização, o Movimento Negro resgata o nome de Zumbi dos Palmares, inserindo o seu nome no hall dos heróis da Pátria.

Dessa maneira, Beatriz Nascimento nos ensina que,

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra.

Durante sua trajetória o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. Como instituição guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrige distorções impostas pelos poderes dominantes. (NASCIMENTO, Beatriz., 2005, p. 124).

Em vista disso, podemos identificar que existe uma grande semelhança entre a ideia de *Quilombo* em Beatriz Nascimento, o conceito de *Quilombismo* em Abdias, e a quilombagem em Clóvis Moura.

### 3.4 CONCEITOS QUE SE ENTRECruzAM

*Quilombagem, Quilombismo e Quilombo*, nos termos de Clóvis Moura, Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento, respectivamente, são conceitos fundamentais para entendermos a luta do povo negro no Brasil. Com suas semelhanças e distinções, esses conceitos nos apontam para a necessidade crucial que o povo negro tem em se aquilombar, ou seja, se fortalecer, se unir, saber se defender, mas também saber atacar, num movimento que nos remete à ginga da capoeira, no vai e vem, no dinamismo.

A história do negro no Brasil é marcada por violências de todos os tipos. Mulheres negras e homens negros tiveram sua humanidade negada durante séculos. Resistiram a inúmeras violências físicas e psicológicas. Foram impedidos de exercer a cidadania plena. Tiveram negados direitos básicos, como acesso a saúde, educação, segurança, moradia. O Brasil foi o último país americano a abolir a escravização formal. Além disso, ao fazê-la, criou diversos mecanismos para criminalizar o povo negro e para silenciar a sua cultura. Lei da vadiagem, criminalização da capoeira, criminalização das religiões de matrizes africanas foram apenas alguns desses mecanismos criados visando o extermínio desse povo.

Durante os quase 400 anos de escravização no Brasil, e não muito diferente na contemporaneidade, a cultura negra sofreu violentas tentativas de apagamento. As músicas, as danças, as *performances* corporais, os idiomas, os costumes, a culinária e as indumentárias que os povos africanos escravizados traziam consigo foram sistematicamente atacados pelo racismo. Ademais, a religiosidade, que reunia em si todos esses aspectos, foi terminantemente proibida e perseguida.

Os saberes produzidos pelo povo negro tem sido até hoje questionados em termos de qualidade e sempre são nivelados por baixo. A cultura eurobrancocêntrica considera que os saberes que produzem são universais, e enxerga, nos saberes produzidos pelas culturas contra-hegemônicas, uma forte ameaça. Com isso, sempre tentam piratear, deslegitimar ou apagar essa produção – o que chamamos de epistemicídio. Segundo a socióloga Sueli Carneiro,

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da

capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

Como se não bastasse o epistemicídio sofrido pelas culturas negras, o Estado brasileiro ainda opera uma política da morte, que mata não só metaforicamente, mas, sobretudo, fisicamente a população negra, vitimando principalmente a sua juventude. O *Atlas da Violência 2019*<sup>8</sup>, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) - fundação pública federal - divulgou que no ano de 2017, **75,5%** das vítimas de homicídio no Brasil eram negras. Em média, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no nosso país. Esses dados são alarmantes, e comprovam que, ao longo da história brasileira, ser negro é viver sob forte ameaça e risco eminente de morte.

Quando falamos que o Estado opera uma política da morte, ou necropolítica (MBEMBE, 2016), isso ocorre de maneira direta e indireta. Direta, quando essa morte é provocada pelo braço armado desse estado: as forças policiais. Indireta, quando ele não oferece, com qualidade, direitos fundamentais como acesso à saúde, educação, segurança, moradia, trabalho e igualdade. Entendemos que essa oferta pública de serviços básicos não é realizada com qualidade porque ela atende, majoritariamente, as populações pobres e negras desse país. A necropolítica, em conjunto com o epistemicídio, são responsáveis pelo genocídio do povo negro no Brasil.

Embora tenhamos consciência dessa infeliz realidade, foi disseminada na sociedade brasileira a ideia falaciosa de que não existem diferenças de tratamento entre negros e brancos – o mito da democracia racial. Esse mito defende que brancos, negros e indígenas vivem de maneira harmoniosa, o que está longe de ser uma verdade. Segundo Kabengele Munanga,

O mito de democracia racial, baseado na dupla mestiçagem Ideológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a idéia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas

---

<sup>8</sup> (IPEA, 2019)

sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são “expropriadas”, “dominadas” e “convertidas” em símbolos nacionais pelas elites dirigentes. (1999, p.80).

Por conta de todos esses fatores apresentados, é que os conceitos que remetem ao quilombamento se fazem tão imprescindíveis para o povo negro. Ora, se a estrutura social posta se configura enquanto uma ameaça para a sobrevivência do povo negro, urge que a mesma encontre na estrutura do quilombo uma alternativa de luta. Tendo isso em vista, os indivíduos e organizações que compõem o Movimento Negro Brasileiro têm praticado o *quilombismo* e a *quilombagem* cotidianamente.

Em relação ao conceito de *quilombagem* proposto por Clóvis Moura, vale fazer a ressalva de que, para o autor, esse movimento se encerra com o fim do sistema escravagista. Nesse ponto discordamos do autor. Acreditamos que a prática da quilombagem transcende o período do escravismo, pois a população negra nunca deixou de criar estratégias e de se organizar, posicionando-se contra o sistema, ainda que esse sistema tenha mudado de característica - da monarquia escravocrata para a república “democrática”. Moura (1992) considerava que no conceito da *quilombagem*, além do quilombo também poderia se incluir manifestações de protesto racial e social, como, por exemplo, revoltas negras como a dos Malês na Bahia (1835) e o movimento cangaceiro.

Como podemos encontrar nos três autores e nos seus respectivos conceitos, é apenas na concepção de quilombo, seja ela física ou metafórica, que a cultura, os saberes, e todas as demais características da negritude serão resgatadas e valorizadas. É justamente nas diversas manifestações do Movimento Negro que veremos a corporeidade, espiritualidade, dança, língua, estética, e história do povo negro afro-brasileiro e africano, serem tratados de maneira positiva e afirmativa.

Por fim, uma informação que merece destaque é o fato de que, assim como quase todos os elementos que nos constitui enquanto povo negro, senão todos, têm sua origem no continente africano, o mesmo acontece com o quilombo. A começar pelo nome. Quilombo, que é uma forma aportuguesada da palavra *Kilombo* do

tronco-linguístico Bantu, e sua origem na África data do século XVI e XVII, como bem destacou Beatriz Nascimento (2005) e Kabengele Munanga (2001).

#### 4 O MOVIMENTO DOS QUILOMBOS EDUCACIONAIS

Depois de termos falado sobre os movimentos sociais e seu aspecto educador, nos debruçamos sobre a atuação do Movimento Negro Brasileiro e sua luta por uma educação antirracista, e após termos resgatado conceitos fundamentais que surgiram a partir do quilombo enquanto organização negra de resistência e de ressignificação, iremos agora discutir sobre o tema motivador deste trabalho. Neste capítulo iremos falar sobre os Quilombos Educacionais, instituições que são fruto da luta do Movimento Negro pela democratização do acesso ao ensino superior.

Conforme já foi assinalado na introdução deste trabalho, realizamos uma pesquisa qualitativa através do método da indução analítica modificada (BOGDAN; BIKLEN, 1994), na qual, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com profissionais que atuam nos Quilombos Educacionais, agrupamos e analisamos as respostas, chegando assim a um denominador comum sobre a definição do que é um Quilombo Educacional. As entrevistas foram realizadas com um/uma representante de cada instituição que atualmente se autodefine enquanto Quilombo Educacional em Salvador-BA. São elas/eles: Jucy Silva - diretora executiva do **Instituto Cultural Steve Biko**, Jailton Aleluia – professor de história no **Curso Popular de Pré-vestibular Quilombo do Orobú**, Deisiane Nascimento – professora de história e coordenadora do **Quilombo Educacional Pré-ENEM Santa Bakhita** e Tamires Fraga – coordenadora-geral do **Quilombo Educacional Vilma Reis**. Além disso, entrevistamos também o atual vereador de Salvador, Sílvio Humberto, um dos fundadores do Instituto Cultural Steve Biko, por esse ser o primeiro Quilombo Educacional a ser criado, a fim de entender o contexto do surgimento desse movimento, e entrevistamos uma das últimas coordenadoras do Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia (FOQUIBA), a professora Vanda Cruz. Sendo assim, seis pessoas foram entrevistadas no total. A escolha metodológica se deve à importância de trazer as vozes ativas dos sujeitos que contribuem com a construção desse movimento. Em relação aos entrevistados, a escolha foi feita de dois modos. Escolhemos pessoas que sabíamos que atuava nesses quilombos, e outras por indicação dos próprios entrevistados.

Embora o nosso estudo tenha se realizado apenas com as quatro instituições mencionadas, restringindo-se assim à capital baiana, consideramos importante salientar que atualmente no estado da Bahia existem outros Quilombos

Educacionais em atividade, dos quais temos conhecimento: Instituto Quilombo Ilha, fundado em 2006 na Ilha de Itaparica; Quilombo Educacional Onnim, que funciona no município de Cachoeira; Quilombo Educacional Dona Cadú, no município de Maragogipe; e o Curso Pré-Vestibular Quilombola de Vitória da Conquista. Ou seja, o Movimento dos Quilombos Educacionais se estende por todo o estado baiano.

#### 4.1 DEFININDO QUILOMBO EDUCACIONAL

Mas então, o que seria um Quilombo Educacional? Para que pudéssemos responder isso, perguntamos aos entrevistados o porquê das instituições das quais fazem parte se considerarem um Quilombo Educacional, e quais são as características básicas que os mesmos devem ter. Em cada resposta as/os entrevistadas/os trouxeram alguns elementos distintos, mas em todas foi possível encontrar uma descrição consensual, chegando a uma definição.

Quilombo Educacional é o nome dado, na Bahia, aos cursos pré-vestibulares de caráter popular, que têm como público prioritário estudantes negros e negras, moradores de bairros periféricos e oriundos das escolas públicas. Diferente dos demais cursos pré-vestibulares, que visam apenas à aprovação dos estudantes nos vestibulares, os Quilombos Educacionais têm como objetivo, não apenas o ingresso dos estudantes na universidade, mas que esses estudantes possam ser agentes de transformação social e da luta antirracista, dentro e fora do ambiente universitário. Por conta disso, pedagogicamente falando, os Quilombos Educacionais possuem um modelo de educação antirracista, decolonial, antimachista e antissexista. O alicerce dessas instituições é a educação para as relações étnico-raciais, que acontecem por meio do componente *Cidadania e Consciência Negra* (CCN). A CCN tanto pode ser uma matéria à parte, como pode aparecer de maneira transversal, diluída por todo o currículo.

Uma das entrevistadas, Deisiane Nascimento, professora de história e uma das coordenadoras do Quilombo Educacional Pré-ENEM Santa Bakhita, relata que,

[...] o nosso objetivo maior não é que menino entre na universidade, nosso objetivo maior é que ele se transforme enquanto preto, que ele se entenda enquanto preto e que se ele entrar na universidade... é claro que a gente quer que ele entre, mas o objetivo maior não é esse, não. E quando ele entrar na universidade, que ele saiba de onde ele é, de onde ele veio, que ele possa causar transformação

dentro dessa universidade. Nós somos um quilombo por isso. (informação verbal)<sup>9</sup>

A opinião de Deisiane explicita uma ideia que pode ser encontrada em todos os Quilombos Educacionais. Ser um Quilombo Educacional é muito mais do que oferecer apenas uma formação instrumental para o vestibular. É formar estudantes engajados na luta pela emancipação do povo negro. A pedagoga Tamires Fraga, idealizadora e uma das coordenadoras do Quilombo Educacional Vilma Reis nos conta que esses quilombos são,

espaços educacionais que partem de um discurso-outro (fora dos padrões coloniais) buscando promover a ascensão social dos povos historicamente marginalizados. É um espaço de resistência (territorialmente e pedagogicamente). (informação verbal)<sup>10</sup>

Uma dúvida que pode surgir é: só podem ser considerados como Quilombos Educacionais os cursos preparatórios para o vestibular que possuam esse perfil? Outras instituições de ensino, ainda que não sejam pré-vestibulares, também poderiam ser consideradas como um QE?

Embora atualmente o termo Quilombo Educacional designe apenas os cursos pré-vestibulares para negros, acreditamos que, qualquer organização educacional negra que tenha por objetivo o combate ao racismo e a emancipação do povo negro, poderá ser considerada como um Quilombo Educacional.

No que tange a nomenclatura, constatamos que o termo “Quilombo Educacional” é uma característica específica do contexto baiano, como bem explica o professor de história do Curso Quilombo do Orobu - Jailton Aleluia. Segundo ele,

nós nos consideramos um quilombo educacional, que é uma nomenclatura muito particular aqui dos quilombos da Bahia, né? Nos outros estados não existe essa associação a quilombo educacional, isso é peculiar aqui da Bahia. Os outros são considerados cursinhos populares, cursinhos comunitários, e aqui na Bahia, a partir dessa reunião de quilombos educacionais, e aí entra o FOQUIBA né, que tem um papel importante, que era uma organização onde periodicamente os quilombos se reuniam e tratavam os desafios, as problemáticas e tinham esse modelo muito próprio daqui também que era de articulação com os quilombos que tinham essa proposta de trabalhar a formação pré-universitária vinculada às discussões étnico-raciais. Então essa característica de quilombo educacional, isso realmente é algo que ficou dinamizado dentro dos outros

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Nascimento, Deisiane. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (22min 38s).

<sup>10</sup> Entrevista concedida por FRAGA, Tamires. [nov. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Enviada por e-mail.



quilombos, tanto o Quilombo do Orobu, primeiro foi o Steve Biko [referindo-se ao Instituto Cultural Steve Biko], depois na sequência o Quilombo do Orobu e depois vieram os outros cursinhos nessa mesma perspectiva. E a partir do próprio exemplo do Steve Biko e Quilombo do Orobu, foram automaticamente se autodenominando como quilombos educacionais. (informação verbal, grifo nosso)<sup>11</sup>.

Contudo, em outros estados brasileiros existem cursos que possuem as mesmas características de um Quilombo Educacional como, por exemplo, o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) no Rio de Janeiro, e o EDUCAFRO, sediado em São Paulo. Eles só não são conhecidos por essa nomenclatura. Em vista disso, podemos afirmar que esse é um fenômeno particularmente baiano, inclusive porque a primeira organização com essas características, da qual temos notícia, foi a Biko<sup>12</sup>, fundada em Salvador no ano de 1992.

Não conseguimos encontrar uma resposta exata em relação a quando essa nomenclatura começou a ser utilizada por essas organizações. Todavia, não é difícil entender o porquê desse nome. Como foi discutido no capítulo anterior, o conceito de quilombo tem sido, ao longo da história, utilizado pelo Movimento Negro como forma de representação de resistência e articulação do povo negro. Não obstante, como iremos demonstrar, os Quilombos Educacionais surgem como fruto da atuação desse movimento.

Por tudo isto o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto-afirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural. (NASCIMENTO, Beatriz., 2005, p. 125).

Cabe ressaltar que, como já foi dito anteriormente, o Movimento Negro é um conceito mais amplo do que uma organização A ou B. Portanto, quando falamos que esses cursos são fruto da atuação do MN, não estamos necessariamente afirmando que foram criados por uma organização específica.

A fala de Jucy Silva, atual diretora executiva do Instituto Cultural Steve Biko (ICSB), reforça essa ideia acerca da razão da nomenclatura. Para ela, a Biko é um Quilombo Educacional,

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por ALELUIA, Jailton. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (14min 12s).

<sup>12</sup> “a Biko” é uma forma corrente de o Instituto Cultural Steve Biko ser chamado por estudantes, professores, e demais pessoas em Salvador. A expressão no feminino é por conta do antigo nome da instituição, que antes era a Cooperativa Educacional Steve Biko.

[...] por ser um espaço de resistência, né, por causa da metodologia, que é uma metodologia antirracista, afrocentrada [...] também bebendo dessa fonte de outras instituições que já discutiam educação para negros e negras como o Ilê Aiyê, Instituto Geledés, entre outros e do próprio movimento negro que já trazia essa discussão de que a educação era uma forma que a gente tinha de avançar, então a gente... eles conseguiram fazer uma ação, né, que começou também dentro da universidade, no DCE da UFBA, que tivesse esse caráter de promoção de igualdade mesmo através da educação, que não fosse apenas um cursinho com disciplinas técnicas para ter acesso a universidade, [...] que remete mesmo ao Quilombo de Palmares, um espaço de resistência, onde as pessoas se fortalecem e que elas vão acessar outro patamar educacional e que alcançando esse patamar ela vai ter a responsabilidade e o comprometimento de trazer outras pessoas que ainda não avançaram. Então essa é a ideia de continuidade, de retorno, né, de fortalecimento de rede que nós temos e que acreditamos que tudo isso que a gente tem se define em um quilombo educacional. (informação verbal)<sup>13</sup>

Sem dúvidas, existem nesses quilombos uma ideia de continuidade e retorno, como dito pela entrevistada. Um aspecto interessante do Movimento dos Quilombos Educacionais é que muitos desses cursos foram criados por ex-estudantes de outros quilombos. Um exemplo disso é o Instituto Quilombo Ilha, que funciona há 13 anos no município de Vera Cruz, em Itaparica, e que foi criado por estudantes egressos do ICSB. Além disso, umas das características dos Quilombos Educacionais é que muitos dos docentes foram estudantes da própria instituição ou de outras. Também é comum encontrar docentes que dão aula em mais de um Quilombo Educacional. Isso demonstra que o Movimento dos Quilombos Educacionais tem um perfil de circularidade e cooperativismo baseado na filosofia africana *Ubuntu*, de origem Bantu, que de maneira resumida significa “eu sou porque nós somos”.

[...] os quilombos educacionais também devem trabalhar com essa lógica do retorno. Não precisa ser um retorno, por exemplo, um aluno da Steve Biko, ele estudou aqui, não precisa ser um retorno aqui dentro da Steve Biko, mas é que em qualquer lugar que ele esteja, qualquer carreira que ele faça, ele sempre se coloque a serviço da comunidade negra. [...] Então assim, se você está na psicologia, a sua psicologia tem que ser uma psicologia preta, não pode esquecer, né? Você não pode dizer que não quer trabalhar no SUS, que não quer isso, não quer aquilo, então, assim, se não tiver isso... se o quilombo não conseguir... a gente sabe que não é uma fórmula exata que todos vão fazer isso, mas pelo menos eles têm que garantir que

<sup>13</sup> Entrevista cedida por SILVA, Jucy. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (19min 51s).

um percentual dos seus alunos façam isso, né? (Jucy Silva, informação verbal)

Os estudantes saem do ensino básico, passam pela formação dos Quilombos Educacionais, ingressam nas universidades, e lá constatam que esse é um espaço onde os negros estão sub-representados. A partir disso, muitos sentem a necessidade de retornar para contribuir de alguma maneira, seja fundando um novo Quilombo Educacional ou dando aula nos que já existem.

A maioria dos Quilombos Educacionais são compostos por profissionais voluntários/as, que muitas vezes recebem apenas uma ajuda de custo para o transporte e alimentação. Isso acontece porque, geralmente, esses cursos não recebem nenhum tipo de financiamento externo. Para que possam manter as atividades, cobram pequenas taxas aos estudantes, taxas essas que podem ser mensal ou anual. Com vista no perfil socioeconômico dos estudantes que frequentam esses QE, as taxas cobradas possuem valores mais baixos do que as que são cobradas pelos grandes cursinhos tradicionais.

Esses Quilombos se organizam por autogestão, tentando diminuir ao máximo as hierarquias nas relações interpessoais. As principais decisões são tomadas de maneira coletiva. Não existem donos, patrões, chefes. Pode haver coordenadores, mas esses só devem tomar uma decisão em conjunto com os demais membros.

São raros os Quilombos Educacionais que possuem sede própria. Geralmente funcionam em espaços alugados ou cedidos por ONGs, associações, instituições públicas ou instituições religiosas. Esse é um dos problemas enfrentados por esses Quilombos, que por vezes acabam tendo o seu funcionamento ficando refém da disponibilidade de quem cede o espaço.

Alguns cursos, extintos ou ainda em atividade, funcionaram ou funcionam em espaços cedidos pela Igreja Católica. Isso ocorre porque entre o final da década de 90 e início dos anos 2000 muitos QE tinham ligação com a Pastoral Afro da Arquidiocese de Salvador. Atualmente, a maioria desses cursos estão extintos. Uma exceção é o Quilombo Bakhita, que foi fundado em 2001 e administrado entre 2001 e 2014 por padres da Paróquia de São Daniel Camboni, no bairro de Sussuarana, na capital baiana. A partir de 2014 os padres deixaram de administrar o curso, mas o espaço continua sendo cedido. Inclusive, o nome do Quilombo Bakhita é por causa da santa negra católica Josefina Bakhita, nascida no Sudão e canonizada nos anos 2000.

Outra característica dos Quilombos Educacionais é que as aulas acontecem no período da noite ou nos finais de semana. Isso ocorre por conta do perfil do corpo discente que frequenta esses espaços. Grande parte desses jovens negros e negras estuda durante o dia (manhã ou tarde), e geralmente, no turno oposto ao que estão na escola, esses estudantes trabalham, fazem estágio, ou possuem algum outro tipo de ocupação que os impossibilitam de ter aulas durante o dia. Sendo assim, as aulas ofertadas à noite visam beneficiar esses estudantes trabalhadores.

## 4.2 BREVE APRESENTAÇÃO DOS QUILOMBOS ESTUDADOS

Não temos, neste trabalho, a intenção de falar de maneira aprofundada sobre cada um dos Quilombos Educacionais, pois o nosso intuito é traçar um conceito geral sobre o que estamos chamando de Movimento dos Quilombos Educacionais. Mas cabe fazermos uma breve descrição dos quatro QE que atualmente encontram-se em atividade na cidade de Salvador. Como para nós antiguidade é posto, começaremos com o mais antigo até chegarmos aos mais novos.

### 4.2.1 Instituto Cultural Steve Biko

Como já dissemos, o primeiro Quilombo Educacional criado foi o Instituto Cultural Steve Biko. A Biko, como é carinhosamente chamada, foi fundada no dia 31 de julho de 1992. Surge como uma cooperativa educacional,

fruto da articulação da juventude negra para reunir os estudantes universitários negros em nível nacional para refletirem sobre sua inserção enquanto negros no espaço acadêmico do I Seminário Nacional de Estudantes Negros realizado em Salvador em 1993. Surgiu das discussões para construção desse Seminário e antes dele acontecer de fato. (CARDOSO, 2006, p. 78).

O I Seminário Nacional de Estudantes Negros (SENUN) começou a ser idealizado por universitários negros no 40º congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado em Brasília em 1989 (CARDOSO, 2006). De 1989 até 1993, os estudantes universitários negros se organizaram pra realização do SENUN em 1993 e, aqui na cidade de Salvador, alguns deles resolveram criar um curso pré-vestibular para negros. O atual vereador da cidade de Salvador, Sílvio Humberto,

que era estudante do mestrado em economia em 1992 e foi um dos fundadores da Biko, conta um pouco de como foi o surgimento do ICSB,

Olha, isso foi em julho de 1992, a partir de uma constatação de que havia um número ínfimo, né, a baixa representação de estudantes negros nas universidades. Então a partir disso, já tinha algumas experiências, que eu não diria experiências educacionais mesmo, porque a Biko é uma continuação das experiências educacionais do povo negro e aí logo o que nós fizemos foi focar nas universidades, mas as experiências de entender a educação como um meio de ascensão social existem desde que o mundo é mundo. É importante entender isso porque também foi isso que nos impulsionou. E isso tanto a gente pode pensar individualmente, como as famílias buscam essa estratégia por meio da educação, mas do ponto de vista coletivo vem Frente Negra, vem várias... dentro e fora do nosso estado você encontra experiências em Campinas, você encontra experiência no Rio de Janeiro, aqui na Bahia, ontem mesmo eu tive notícias que há 50 anos um grupo lá no Engenho Velho, na Escola Municipal do Engenho Velho da Federação, foi um grupo de pessoas do Engenho Velho que fizeram o prédio e chegaram para prefeitura e... “a gente já tem o prédio, vocês agora vem com os professores”. Dos professores que faziam as bancas ali nas salas, tem experiência no MNU, com a banca Boca de Zero Nove.

E nós vamos ser, eu diria, herdeiros, de uma forma não linear, né, porque não teve um plano... agora é a vez do... de pensar o pré-vestibular, então a inovação nossa vem nesse aspecto, de pensar um pré-vestibular que não é um pré-vestibular comum, no sentido que não é um pré-vestibular mais barato. Ele era mais barato, mas o objetivo não era ganhar dinheiro. O objetivo era você, por meio de incluir as pessoas, e depois nós fomos ao longo e com uma disciplina chamada CCN, que na verdade não começou com um nome, então... A instituição começou sem nome, sem um programa, só umas ideias e foi, assim... o exercício, o aprender fazendo, nesse exercício de aprender, nós fizemos três reuniões, na quarta a gente já estava dentro de sala de aula, no espaço cedido pelo Diretório Central de Estudantes da UFBA, eles nos contataram, foram lá e a gente começou as nossas aulas noturnas, convidando as pessoas que sabiam física, matemática, português e aí foi juntando as pessoas. Foi um grupo inicial dos professores, e aí foram tendo outros. Eu não dei aula, mas eu cuidava da parte mais chata, que era a parte de organização, da burocracia, a Biko também ficou pelo menos uns quatro anos sem CNPJ, que na época era CGC, então era marginal mesmo. Marginal da margem. Assim de uma experiência onde, assim... primeiro... não tinha um instituto, a gente chamava cooperativa, né, primeiro você tinha os... eram as pessoas que agregavam seu nome ao instituto, depois o Instituto como deveria ser... A Biko agregou o nome e ficou maior do que as pessoas. E ainda bem que ficou maior do que as pessoas. (informação verbal)<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Entrevista cedida por CUNHA, Sílvio Humberto. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (16min 21s).

O Instituto Cultural Steve Biko já funcionou em vários endereços diferentes, sendo que atualmente sua sede encontra-se localizada no bairro do Santo Antônio, no centro histórico da capital baiana. No entanto, uma nova sede está sendo construída próximo ao Largo do Campo Grande, região central de Salvador. A previsão é que no ano de 2020 o novo local já esteja em funcionamento.

Com 27 anos em atividade, o ICSB é, sem dúvidas, o Quilombo Educacional mais estruturado, tendo inclusive parcerias fechadas com instituições internacionais. Segundo o site<sup>15</sup> do instituto, mais de 5 mil estudantes negros e negras já foram beneficiados. Atualmente, além do curso pré-vestibular, o ICSB dispõe de dois programas. Um de intercâmbio, que promove a troca de experiências com estudantes, membros e professores com estudantes e professores de outros países. E o outro programa, chamado Oguntec, consiste em “um programa de incentivo à formação de jovens cientistas e engenheiros negros” (CUNHA, 2008, p. 150). O ICSB atualmente atende 75 estudantes, com aulas de segunda a sábado.

#### **4.2.2 Curso Popular de Pré-vestibular Quilombo do Orobú**

Mais conhecido como Quilombo do Orobú, o Curso Popular de Pré-Vestibular Quilombo do Orobú, é um Quilombo Educacional criado em Salvador no ano de 1999, por um grupo de jovens ligados a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) (RODRIGUES, 2008). Segundo o professor de história da instituição, Jailton Aleluia, o Quilombo do Orobú surge como,

um grupo de estudo no primeiro ano, algumas pessoas que se reuniam e começaram a fazer um estudo solidário e posteriormente enquanto instituição já estruturada, enquanto cursinho pré-vestibular, no ano 2000. (informação verbal)<sup>16</sup>

Esse QE funciona na sede da ONG Casa do Sol Padre Luís Lintner, situada no bairro de Cajazeiras V, bairro periférico de Salvador. Segundo Rodrigues (2008) Padre Luís Lintner (1940-2002), que dá nome a ONG, foi um padre que atuou na região do bairro de Cajazeiras, e acompanhou os primeiros passos do Quilombo do

<sup>15</sup> Ver : <<https://www.stevebiko.org.br/>>.

<sup>16</sup> Entrevista cedida por ALELUIA, Jailton. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (14min 12s).

Orobu, fazendo parte inclusive do conselho deliberativo desse Quilombo Educacional.

O nome do curso Quilombo do Orobu é uma homenagem ao quilombo homônimo histórico que existiu próximo à região de Cajazeiras e adjacências durante o período da escravização, e foi liderado por Zeferina, personagem fundamental na luta contra o sistema escravagista. Com 20 anos de existência, atende atualmente a 70 estudantes, com aulas à noite, de segunda a sexta-feira.

#### **4.2.3 Quilombo Educacional Pré-ENEM Santa Bakhita**

O Bakhita é um quilombo educacional situado na região do Novo Horizonte, bairro de Sussuarana, na periferia de Salvador. Foi fundado no ano de 2001 por padres ligados à Pastoral Afro da Igreja Católica, e funciona no espaço do Centro Pastoral Afro Padre Heitor (CENPAH). De acordo com Deisiane Nascimento, uma das coordenadoras do Quilombo Santa Bakhita,

O Santa Bakhita começou em 2001, quando surgiu toda aquela ideia das pastorais afro. Então até [...] 2014, o Bakhita foi administrado pelos padres da paróquia de Sussuarana, a paróquia de São Daniel Camboni. Então o Bakhita surgiu nessa pegada, nessa lógica de educar a população negra das periferias. Até 2014, o Bakhita era administrado pelos padres, em 2014 com essa mudança... há sempre mudança nas paróquias, os padres não duram muito tempo, não ficam muito tempo. E aí quando houve nessa mudança dos padres, os quatro padres iniciais, o Padre Heitor que foi um dos responsáveis pela fundação do espaço onde funciona o Bakhita, que é o CENPAH, os padres foram mudando, e a partir da mudança, os padres que foram chegando não tinham interesse. Porque dá trabalho administrar um quilombo educacional. Administrar uma casa com pessoas que são parentes já dá trabalho, imagine um quilombo. Aí em 2014 os padres disseram que não tinham mais como administrar o Bakhita e nem subsidiar financeiramente.

[...] quando os padres disseram que não tinham mais como administrar nem subsidiar o Bakhita, eu já estava aqui na UFBA, já tinham alguns professores do Bakhita que eram alunos aqui da UFBA e que estavam dando aula no Bakhita, e aí a gente viu que não podia deixar o Bakhita fechar. Aí o que a gente fez a partir do momento que a gente disse que não poderia deixar o Bakhita fechar, a gente entrou numa briga com os padres para que eles nos cedessem o espaço. Porque sem o espaço não daria para funcionar. Tendo o espaço, a gente ia ver como conseguia organizar isso, e aí foi uma briga grande, tinha principalmente alguns padres que foram bem relutantes, mas a gente conseguiu para fazer com que o Bakhita não fechasse. E aí desde 2014 que estamos no Bakhita, eu e Diego coordenando, temos uma grade de professores, onde 80% foram

alunos do Bakhita e isso é um diferencial muito grande. (informação verbal)<sup>17</sup>

Atualmente, o Quilombo Educacional Santa Bakhita atende cerca de 40 estudantes do bairro de Sussuarana. Como foi dito por Deisiane, o quilombo ainda funciona no espaço da igreja, porém não é mais coordenado pela instituição religiosa. O Santa Bakhita já soma 18 anos de atividade, e as aulas acontecem de segunda a sexta-feira, sempre no turno da noite.

#### 4.2.4 Quilombo Educacional Vilma Reis

O Quilombo Educacional Vilma Reis é o mais novo entre os Quilombos Educacionais de Salvador. Foi fundado em março de 2017 por um grupo de estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). As aulas ocorrem nos prédios da Faculdade de Educação (FACED) e Escola de Administração da UFBA, ambas na região do Vale do Canela. Por conta da dificuldade em conseguir salas durante a semana, as aulas acontecem somente aos sábados, durante todo o dia. Eventualmente, ocorrem algumas aulas extras durante a semana. A pedagoga Tamires Fraga, uma das idealizadoras do curso, conta que,

O Quilombo Educacional Vilma Reis surgiu, em 2017, a partir de quatro projetos-pilotos, 2 coordenados por mim e 2 coordenados por Ícaro Jorge, ambos, na época estudantes de Pedagogia e BI em Humanidades na UFBA, respectivamente. A partir dessa junção, outros colegas, um de Pedagogia, uma de Letras e um de Gestão Pública, foram chamados para auxiliar e melhorar os projetos que, agora incorporados a um só, teriam um currículo diferenciado e aulas interdisciplinares. Um dos pontos que mais favoreceu essa junção foi a questão identitária e a necessidade de discursos e práticas que casassem com a necessidade do público. (informação verbal)<sup>18</sup>

O nome desse Quilombo é uma homenagem à socióloga baiana Vilma Reis, ativista do Movimento de Mulheres Negras. A ideia era homenagear alguém em vida, distanciando-se do costume que se tem em se fazer homenagens póstumas. É importante frisar que, apesar do nome e da homenagem, a socióloga Vilma Reis não possui nenhum vínculo direto com o Quilombo Educacional Vilma Reis.

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Nascimento, Deisiane. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (22min 38s).

<sup>18</sup> Entrevista cedida por FRAGA, Tamires. [nov. 2019].



Assim como os demais Quilombos, o Quilombo Vilma Reis conta com professores/as voluntários/os. Além das aulas, conta com serviços de coach e psicologia, sendo que essas profissionais também atuam de maneira voluntária. Atualmente o Quilombo Educacional Vilma Reis atende cerca de 70 estudantes, de diversos bairros de Salvador.

#### 4.3 A PEDAGOGIA DOS QUILOMBOS EDUCACIONAIS

Falaremos agora sobre os aspectos pedagógicos dos Quilombos Educacionais. Diante disso, consideramos relevante fazermos algumas observações a respeito da modalidade de ensino pertinente a esses quilombos.

Faz-se necessário destacar que os Quilombos Educacionais não se incluem na modalidade de Educação Escolar Quilombola. Por dois motivos: o primeiro motivo é que um curso pré-vestibular não é um modelo de educação escolar. Podemos considerá-los como uma modalidade de educação não-formal. Para Gohn (2006),

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (p. 28)

O segundo motivo diz respeito ao que os documentos legais dizem sobre a Educação Escolar Quilombola. De acordo com o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica,

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. (BRASIL. p. 46)

Dessa forma, não devemos confundir Quilombo Educacional e educação quilombola, pois, essas instituições não estão inseridas em territórios quilombolas reconhecidos pelo Estado, e ainda que estivessem, não se enquadram em um modelo de educação formal ou escolar. Além disso, não podemos perder de vista o fato de que o termo *Quilombo Educacional* faz referência à dimensão simbólica do que representa o quilombo para o povo negro, conforme discutimos no capítulo anterior. Dito isso, podemos agora falar sobre as práxis pedagógicas dos Quilombos Educacionais.

Os Quilombos Educacionais, em sendo cursos pré-vestibulares, precisam instrumentalizar os seus estudantes para que esses obtenham um desempenho exitoso nos exames vestibulares. Nesse sentido, realizam aulas dos componentes curriculares que habitualmente já são ofertados no ensino formal básico (língua portuguesa, matemática, biologia, história, entre outros). No entanto, as relações de ensino-aprendizagem propostas por esses Quilombos precisam acontecer de maneira distinta de como acontece na escola e nos cursos preparatórios comuns.

De acordo com Alexandre do Nascimento, um dos fundadores do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), no Rio de Janeiro, nos pré-vestibulares populares,

[...] a pedagogia deve ser necessariamente diferente, pois tratam-se de cursos que se propõe a trabalhar com os grupos historicamente marginalizados e sem possibilidades de acesso ao ensino superior público dada a baixa qualidade do ensino básico que normalmente têm acesso (principalmente o ensino público) e em face de uma realidade social de imensas dificuldades materiais. Os cursos pré-vestibulares populares devem ser mais que mero treinamento, devem ser espaços de estudos, mas também de análises das relações sociais, de organização de alternativas e produção de propostas de democratização da educação e da pedagogia. (NASCIMENTO, *Pré-vestibular popular: adestramento ou desenvolvimento?*, p.2)

O perfil dos estudantes dos Quilombos Educacionais, composto majoritariamente por jovens negros(as) oriundo de escolas públicas, requer uma práxis metodológica diferenciada. Infelizmente, muitos dos conteúdos cobrados em exames como o ENEM, por exemplo, são ensinados de maneira precária, ou, até mesmo não são ensinados na maioria das escolas públicas. Não é raro que muitos estudantes de Quilombos Educacionais somente tenham contato com certos conteúdos considerados básicos apenas quando esses conteúdos são ensinados

nas salas de aula dos mesmos. O processo de precarização da escola pública brasileira, processo esse que tem no Estado o seu maior responsável, vem, ao longo dos anos, prejudicando a população que precisa frequentar essa escola.

Como se não bastasse, sabemos que o modelo educacional brasileiro é produtor e reproduzidor de discriminações, sejam elas de cunho racista, machista, classista e/ou homofóbico.

Nesse sentido, por ser construído pelo povo negro e para o povo negro, os Quilombos Educacionais produzem uma educação antirracista que valoriza aspectos identitários do seu povo, tais como: estética, cultura, religiosidade e história, contrapondo-se a pedagogia violenta e silenciadora que as escolas praticam, sejam elas públicas ou particulares.

Em suas aulas, os Quilombos Educacionais buscam trazer elementos da cultura negra para serem trabalhados em todos os componentes curriculares. Na matemática trabalham com a etnomatemática, nas ciências da natureza tentam trazer exemplos que se aproximem da realidade dos estudantes. No ensino de língua portuguesa valorizam não apenas a gramática prescritiva, considerando válidas as formas negras de expressar o idioma como, por exemplo, o *pretoguês* “que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil.” (GONZALES, 1988, p. 70). Alexandre do Nascimento alerta que em cursos com esse perfil,

[...] as discussões políticas devem acontecer sistematicamente. Essas discussões devem ser espaços abertos as mais variadas intervenções. As disciplinas que abordam os conteúdos exigidos diretamente no vestibular, devem abandonar os especialismos e a fragmentaridade, estabelecendo relações entre si, pois não estão dissociadas da vida e da história, e, portanto, precisam ser politizadas e contextualizadas dentro da realidade. Politizar o conteúdo não é tentar a todo custo ver uma ideologia implícita. Politizar um conteúdo é situá-lo num contexto histórico e social, identificando suas razões e conseqüências e apresentado sua construção lógica. (NASCIMENTO, *Sobre a prática pedagógica no PVNC*, p.2-3).

As discussões das temáticas raciais tanto podem aparecer diluídas nos diversos componentes curriculares, bem como podem ser concentradas em uma matéria específica, também chamada de *Cidadania e Consciência Negra*. A CCN, como é conhecida, é uma das principais características dos Quilombos

Educacionais. Todos os quatro quilombos abordados nesta pesquisa possuem CCN na sua matriz curricular.

Vejamos, através das falas dos próprios sujeitos, de que forma cada Quilombo Educacional se estrutura pedagogicamente. No Quilombo Santa Bakhita, a coordenadora Deisiane Nascimento nos conta que o CCN acontece,

Como componente curricular, só que não semanalmente como todas as outras disciplinas. No início do ano, a gente senta com a turma, a gente pega uma aula para fazer isso, e a gente vai propor quais seriam os temas, a gente traz uma lista pré-selecionada para não ficar aleatório e quais seriam os temas que eles teriam interesse de discutir. E esse interesse tem a ver, principalmente, com a ignorância: “eu não sei o tema, então eu quero discutir ou eu tenho uma visão rasa sobre isso e quero discutir, ou eu tenho uma visão equivocada sobre isso e quero discutir.” Assim, a gente faz essas discussões, a gente faz votação sobre o tema e a gente vai atrás de profissionais especialistas ou que tenham o mínimo de conhecimento sobre esse tema, e aí a gente vê se precisa de duas pessoas para falar desse tema, ou precisa de uma. Se a gente tem uma questão social e jurídica, é interessante que tenha uma pessoa para falar da questão social e uma pessoa para falar da relação jurídica daquele assunto. A partir daí a gente monta o CCN. Então uma noite, uma vez por mês a gente suspende o conteúdo e aí faz: segunda, depois terça, para que os professores não se sintam prejudicados. O primeiro CCN é segunda, depois é terça, depois é quarta, depois é quinta... E aí essa discussão é feita em sala de aula, geralmente, primeiro com uma palestra, depois é aberto para os questionamentos e depois a gente senta e faz uma roda de conversa de fato, colocando... não é mais em formato de palestra nem é questionamento, eu não estou perguntando para alguém responder, eu tô perguntando, muitas vezes, para mim mesmo. (informação verbal)<sup>19</sup>

Apesar da CCN, Deisiane afirma que é um grande desafio trabalhar as questões raciais em todas as matérias, sobretudo porque os cursos de formação docente não oferecem aos professores muitos elementos para tal. Ela também defende que tão importante quanto trabalhar as questões raciais é trabalhar as questões de gênero, e que em suas aulas ela aborda as duas temáticas de maneira articulada.

Já o professor Jailton Aleluia do Quilombo do Orobu relata o seguinte,

[...] todas as disciplinas são, digamos assim, convidadas a trabalhar essas temáticas étnico-raciais, quer seja na literatura abordando obras literárias e autores negros que produzem a literatura, desmistificar justamente a questão do conhecimento a partir da Europa, então a questão do conhecimento eurocêntrico, a gente tem,

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Nascimento, Deisiane. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (22min 38s)

atualmente, uma disciplina, mas começou como um debate aberto com a comunidade, uma disciplina chamada CCN, Cidadania e Consciência Negra. [...] nessa disciplina é trabalhado, exclusivamente, temáticas ligadas à questão étnico-racial, tanto do ponto de vista político, organização popular, como também o conhecimento de movimentos que tiveram a participação da população negra dentro do Brasil e fora do país, de cunho racial, e as outras disciplinas abordam nos seus conteúdos esse tema transversal, que é o tema étnico-racial e das populações negras. Então dessa maneira que a gente busca fazer esse diálogo com relação a proposta pedagógica e as disciplinas trabalharem isso ao longo do ano transversalmente.

Aí a gente tem diversas referências, infelizmente assim, eu não teria agora como lhe trazer, especificamente, de todas as disciplinas, porque cada educador, ele monta sua ementa, o seu plano e a gente não conseguiu ainda juntar todo esse material, porque fica muito a cargo de cada docente selecionar suas referências. Mas eu, por exemplo, eu trabalho com Abdias do Nascimento, eu trabalho com Kabengele Munanga, eu trabalho Nilma Lino e outros artigos que eu vou incluindo, revisando a cada ano e incluindo na temática de história, disciplina que eu trabalho, né? (Informação verbal)<sup>20</sup>

Jucy Silva nos conta que o Instituto Cultural Steve Biko tem,

[...] uma metodologia que ela é baseada na educação popular. Então a gente traz as referências tanto de Paulo Freire, como de Abdias do Nascimento, as discussões que Abdias traz de Quilombismo. E também, eh... a gente, né, depois desse tempo todo trabalhando, a gente percebe que a gente tem um CCN e que tem os projetos que estão dentro. Então antes a gente começou com o pré-vestibular que tem a disciplina CCN, hoje o CCN é tudo que a gente faz. Então assim, cidadania e consciência negra é tudo que o instituto faz, então, [...] a gente desenvolve essa questão de trazer tanto nas aulas, os professores, no planejamento das aulas, como nos projetos. Hoje a gente tem três projetos. A gente tem o pré-vestibular; a gente tem o Oguntec que é popularização da ciência, incentivo a ciência e para o ingresso nas carreiras de ciências e tecnologias; e a gente tem os programas de intercâmbio. Então todos esses programas têm a discussão de raça, de gênero, aí nesse CCN também... ele era centrado em raça, então a partir do entendimento e das discussões, a gente inseriu gênero, agora sexualidade e acessibilidade. Então o CCN ele tá mais amplo, porque essas... tanto raça, gênero, acessibilidade, essas coisas apareciam, mas não apareciam com o cuidado necessário, principalmente as questões de gênero. (informação verbal)<sup>21</sup>

Além das referências citadas, o ICSB tem o próprio Steve Biko, grande ativista negro sul-africano, que inclusive dá nome ao instituto.

<sup>20</sup> Entrevista cedida por ALELUIA, Jailton. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (14min 12s)

<sup>21</sup> Entrevista cedida por SILVA, Jucy. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (19min 51s).

No Quilombo Educacional Vilma Reis, Tamires Fraga nos conta que o CCN é um componente curricular que traz,

[...] discussões contemporâneas acerca das pautas da juventude (que são urgentes e precisam ser debatidas e analisadas a partir de outras perspectivas teóricas). Os aulões e aulas de reforço seguem a perspectiva interdisciplinar enquanto as demais seguem a perspectiva multirreferencial. Dentro da proposta, as leis 10.639/03 e 11.645/08 se tornam referenciais teóricos para todas as áreas do conhecimento, bem como, o quilombismo de Abdias do Nascimento, que é a filosofia seguida no projeto e pelo corpo docente do quilombo, os estudos sociológicos da própria Vilma Reis, da Lélia Gonzalez, da Sueli Carneiro, Carla Akotirene, dentre outras e outros. (informação verbal).

Como podemos ver nas falas das(os) entrevistadas(os), o CCN, independente do formato que possua, é fundamental na estrutura curricular dos Quilombos Educacionais. Também é possível constatar que o *quilombismo*, conceito proposto por Abdias Nascimento, é um dos pilares que sustentam a práxis pedagógica desse Movimento.

O Movimento dos Quilombos Educacionais educa para as relações étnico-raciais. Ele nos mostra o quão importante é promover uma educação que valorize as diversas culturas, sejam elas negras, indígenas ou brancas. Inclusive, é importante que saibamos que falar das relações étnico-raciais não é apenas falar sobre negritude. Pensar as relações étnico-raciais é também refletir sobre a branquitude, e de que forma ela se coloca no mundo. Até porque, embora saibamos que biologicamente não existem raças humanas, entendemos que sociopoliticamente existem sim diferenças de tratamento entre negros, brancos e indígenas. E são justamente essas diferenças que precisam ser combatidas. É imprescindível que a branquitude se reconheça enquanto operadora do racismo, para que possa se rever e ajudar a combatê-lo. Conforme Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, a educação para as relações étnico-raciais,

[...] tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades,

coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos. (GONÇALVES E SILVA, 2007, p. 490).

Com efeito, consideramos que o Movimento dos Quilombos Educacionais promove o que Renato Noguera chama de *Pedagogia da Pluriversalidade*. De acordo com o autor,

A pedagogia da pluriversalidade reconhece as modificações e reacomodações das relações de poder e do modo como atores e atrizes entram em cena nas disputas em torno dos cânones, dos currículos, dos critérios de exame e afins. Dito em outros termos, a ideia de denegrir a educação pode ser descrita como um esforço de revitalizar as perspectivas esquecidas, problematizando os cânones, refazendo e ampliando currículos, repensando os exames e as tramas que colocam um suposto saber estabelecido como regra e norma para enquadramento das pessoas que desconhecem o que “deveriam” saber para o seu próprio bem. Neste sentido, a pluriversalidade pedagógica pode trazer, em se tratando de sala de aula, um conjunto de novas alternativas para o aprendizado. (NOGUERA, 2012, p. 71).

Ao tencionar os currículos coloniais e eurocêntricos, e propor uma nova matriz curricular que também seja baseada em epistemologias decoloniais, o Movimento dos Quilombos Educacionais faz o que Noguera (2012) chama de “denegrir a educação”. E denegrir no sentido literal da palavra: tornar negra.

Um fato importante que precisa ser destacado é que o Movimento dos Quilombos Educacionais, antes mesmo da aprovação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, já tinham nos seus currículos o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira, e indígena. Desde o seu surgimento, esses Quilombos são produtores de ações afirmativas. Além do mais, esse movimento teve um papel importante no processo de luta pela democratização do acesso ao ensino superior, participando ativamente das reivindicações para que cotas sociais e raciais fossem adotadas pelas universidades públicas de todo o país e para que as referidas leis fossem aprovadas.

#### 4.4 O FÓRUM DE QUILOMBOS EDUCACIONAIS DA BAHIA – FOQUIBA

O Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia (FOQUIBA) foi criado em 21 de outubro de 2001 e surge como fruto do amadurecimento dos Quilombos

Educacionais, que sentiam cada vez mais a necessidade de atuarem de maneira articulada, visando o fortalecimento político do movimento.

Conforme já foi dito no presente trabalho, muitos Quilombos Educacionais tinham ligação com a Igreja Católica, por meio da Pastoral Afro. Dessa forma, o Centro Arquidiocesano de Articulação da Pastoral Afro (CAAPA) idealizou em outubro de 2001 o I Seminário Educacional para a Comunidade Negra. O principal objetivo desse seminário era discutir o acesso e permanência da comunidade negra ao ensino superior.

Ao todo, 11 entidades participaram do evento. Todas elas trabalhavam no campo da educação para a população negra. Foram elas: O Curso Milton Santos, que funcionava no bairro do IAPI; o Curso Pré-Vestibular Alternativo Coequilombo, no bairro de Plataforma; o Curso Alternativo Santa Terezinha; o Curso Pré-Vestibular Santa Bakhita no bairro de Sussuarana; (todos de Salvador e ligados ao CAAPA, somente o Bakhita encontra-se ainda em atividade). Além deles, participaram o Instituto Cultural Steve Biko, localizado na região do centro histórico de Salvador; o Quilombo Asantewaa, na Federação; o Quilombo do OROBU, do bairro de Cajazeiras V; o CEAFFRO (Programa de Educação para a Igualdade Racial e de Gênero) que era vinculado ao Centro de Estudos Afro Orientais da UFBA (CEAO); e a Escola Municipal Eugênia Ana dos Santos, que funciona dentro do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, no bairro de São Gonçalo do Retiro. Também participaram dois cursos de outras cidades baianas: o Curso Dom Climério de Vitória da Conquista – BA e o Curso de Cruz das Almas-BA.

Desse seminário, alguns encaminhamentos foram tirados, e um deles incluía a criação de um fórum que reunisse as instituições que discutissem as questões de acesso do povo negro ao ensino superior. A partir disso, o FOQUIBA é criado.

Das instituições que acabamos de citar, apenas o CEAFFRO e a Escola Municipal Eugênia Ana dos Santos não integraram o FOQUIBA. Enquanto o fórum esteve em atividade, outras instituições participaram: Quilombo Semear (São Gonçalo do Retiro); Quilombo MARV (Itinga - Lauro de Freitas); Quilombo Cabricultura (Cabrito de Baixo); Pré-vestibular Irmãos Emaús (Boa Viagem) e Quilombo de Ilha de Maré (Ilha de Maré).

O FOQUIBA desempenhou um papel importante para que as universidades públicas baianas implementassem a reserva de vagas para negros. A Universidade



do Estado da Bahia (UNEB), por exemplo, foi a uma das pioneiras na aprovação das cotas, em 2002, 10 anos antes da aprovação da Lei de Cotas de 2012.

Um dos principais objetivos do FOQUIBA é o fortalecimento do Movimento dos Quilombos Educacionais no estado. Segundo a professora Vanda Cruz, uma das fundadoras do FOQUIBA e que atuou no extinto Quilombo Milton Santos no bairro do IAPI,

O FOQUIBA enquanto organização era mais fortalecimento dos quilombos, né, porque a gente juntava os diretores, né, coordenadores e representantes para tentar, na verdade, fazer uma rede de fortalecimento, que um pudesse apoiar o outro, porque também teve um determinado momento que alguns, por conta das dificuldades que eu te falei, de serem alunos professores, não terem recursos, os alunos que frequentavam as aulas também não tinham dinheiro para pagar, tinha questão do módulo, tinha questão de tudo... Então assim, acabava que iniciava o ano e o quilombo ainda não tinha começado as aulas, então a ideia era que um pudesse estar ajudando o outro e fazendo essa rede, inclusive, de professores. Tinha uma coisa que era interessante no FOQUIBA: por exemplo, eu dava aula em vários quilombos, eu dava aula no Coequilombo, dava aula na Steve Biko, dava aula no Milton Santos, vamos imaginar que eu dava aula nesses três quilombos, mas se eu desse aula... se a Steve Biko me pagava uma ajuda de custo, eu era voluntária, essa ajuda de custo me ajudava também para já ir para outro quilombo, então era por isso também que existia a rede, entendeu? (informação verbal)<sup>22</sup>

O fórum, que se reunia na sede do CAAPA no Pelourinho, realizou seminários, cursos de formação, reuniões entre coordenadores e estudantes, entre outras atividades. De acordo com Vanda Cruz, as atividades eram variadas, e aconteciam com certa frequência.

A gente teve vários [seminários], a gente teve formação só para mulheres, né, formação em empoderamento feminino, a gente construiu um módulo que serviu para todos os quilombos e produziu esse módulo, os próprios professores produziram esse material, aí foi bacana porque a gente produziu o material que servia em rede para todo mundo. A gente teve formação em direitos humanos para... para alunos dos quilombos e também que não fossem dos quilombos educacionais, já era um outro projeto dentro do próprio FOQUIBA. E paralelo a isso a gente fazia os encontros de todos os alunos do quilombo educacional, né? Dos quilombos. (Informação verbal, op. cit.).

O FOQUIBA nunca chegou a ser registrado oficialmente. Vanda conta que existiram tentativas de registrar o fórum como uma associação, ou uma instituição

---

<sup>22</sup> Entrevista cedida por CRUZ, Vanda. [out. 2019]. Entrevistador: Wesley Conceição. Salvador, 2019. Arquivo formato mp3 (19min 22s).

jurídica com CNPJ, mas isso não chegou a ser concretizado por conta dos custos. O FOQUIBA também tentou disputar alguns editais governamentais, mas não chegou a ser contemplado em nenhum.

Em 2008, o FOQUIBA fechou uma parceria com a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), por meio do Programa de Apoio Estratégico (PAE).

E aí em 2008, precisamente em 2008, a gente já se reunia enquanto quilombo, enquanto diretoria, juntava os diretores para trocar informações, para fazer seminários, para tentar divulgar e tentar sobreviver, na verdade, né? Um trocar de experiências. Quando foi em 2008 a gente teve o convite da CESE para poder ter financiamento, a gente queria que os professores fossem melhor remunerados, queria que os alunos não precisassem pagar uma taxa que eles pagavam, né, que alguns alunos não tinham condições de pagar essa taxa, e aí tornava o projeto muito difícil, porque os professores também não tinham dinheiro, né? Muitos professores eram alunos também, então assim, era complicada essa questão financeira. E aí a CESE [...], chamou a gente para poder participar da elaboração de um projeto para concorrer. Na época era PAE a sigla. Programa de Apoio Estratégico da CESE. Aí a gente participou, a gente criou esse projeto, juntou, né? Aí foi que a gente constituiu de fato uma organização do FOQUIBA, aí a gente construiu esse projeto e gente teve o financiamento da CESE. Não lembro quanto foi, mas a gente tinha um projeto elaborado, com alunos, com formação de professores, com construção de módulos que fortaleceu por um tempo, mais ou menos até 2012, os quilombos educacionais. E aí foi bacana, isso foi revigorando os quilombos. (informação verbal, Vanda Cruz).

Atualmente o FOQUIBA não se encontra em atividade. Segundo a entrevistada, ele funcionou organicamente até o ano de 2012. No entanto, existe uma mobilização por parte dos membros dos Quilombos Educacionais para rearticular esse Fórum que é tão importante para o fortalecimento dos Quilombos Educacionais.

De acordo com Maria Durvalina Santos, que em sua tese de doutorado realizou uma pesquisa com as mulheres negras que integravam o FOQUIBA, o fórum chegou a reunir cerca de 1200 pessoas, entre estudantes, professores e professoras, coordenadores e equipe voluntária desses cursos pré-vestibulares. (SANTOS, 2015).

Diante do que foi discutido neste capítulo, reforçamos a ideia de que existe um Movimento dos Quilombos Educacionais, que teve como grande catalisador o FOQUIBA, nascido da articulação entre alguns desses Quilombos. Essa atuação em rede permitiu que fosse construída uma identidade para esses cursos, inclusive

porque foi através do FOQUIBA que esse modelo de pré-vestibular se fortaleceu, e o conceito de “Quilombo Educacional” foi difundido.

Ademais, o que chamamos de Movimento dos Quilombos Educacionais surge como fruto da atuação do Movimento Negro Brasileiro, que através das suas ações de combate ao racismo, tensiona as estruturas de poder da sociedade com vistas à emancipação e reconhecimento do povo negro. Isso se reflete na fala de Sílvia Humberto (informação verbal, 2019), que ressalta o fato do ICSB ter sido “herdeiro” de outras iniciativas do Movimento Negro, ainda que essa herança tenha sido recebida de maneira não linear. Ao longo da história brasileira, o Movimento Negro foi o principal responsável pela garantia de direitos das pessoas negras e pelo nosso fortalecimento enquanto povo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar o que chamamos de Movimento dos Quilombos Educacionais. Esse movimento surge no início dos anos 90, em Salvador-BA, e se estrutura durante a primeira década dos anos 2000. A iniciativa pioneira do Instituto Cultural Steve Biko, considerado o primeiro Quilombo Educacional, influenciou para que outros Quilombos fossem criados, chegando a ter pelo menos 10 Quilombos Educacionais em atividade entre os anos 2000 e 2010, somente na capital baiana. Não obstante, esse movimento repercute por outras cidades baianas, chegando a ultrapassar as barreiras do estado, incentivando a criação de cursos com o mesmo perfil em outras unidades federativas, a exemplo do Pré-Vestibular para Negros e Carentes no Rio de Janeiro, e a rede EDUCAFRO, no estado de São Paulo.

Vimos que a luta dos movimentos sociais por direitos proporcionou mudanças significativas na sociedade. Esses movimentos são responsáveis por denunciar violências e desigualdades, propondo estratégias para superação dessas, e fortalecendo politicamente as comunidades que representam. Não obstante, promovem processos educativos que podem reverberar para toda a sociedade brasileira.

Ainda foi possível refletir sobre a importância do Quilombo para a luta do povo negro. Quilombo que não era apenas um espaço de fuga da escravidão, mas um território de resistência negra e de resgate da ancestralidade africana. Dessa forma, a ideia de aquilombamento proposto por intelectuais negros como Abdias Nascimento, Clóvis Moura e Beatriz Nascimento, é imprescindível para a organização negra.

Estimamos que o Movimento dos Quilombos Educacionais, durante esses quase 30 anos de existência, já tenha beneficiado em torno de 5 mil estudantes negros e negras. Com efeito, independente de terem ou não conseguido ingressar em uma universidade, acreditamos que esses estudantes tenham saído mais fortalecidos para o combate ao racismo, dada a práxis pedagógica desses quilombos.

Em relação à nomenclatura, o estudo nos possibilitou saber que o uso do termo “Quilombo Educacional” para referir-se aos cursos pré-vestibulares para negros é uma característica baiana, ainda que cursos com esse perfil existam

também fora da Bahia. Provavelmente, o termo tenha surgido em 2001 com a criação do Fórum de Quilombos Educacionais da Bahia (FOQUIBA).

No que diz respeito à pedagogia, os Quilombos Educacionais educam para as relações étnico-raciais, com uma práxis pedagógica antirracista que visa não apenas a aprovação dos estudantes no vestibular, mas, sobretudo, a formação crítica dos mesmos, para que se tornem agentes de transformação social e de combate ao racismo. Além disso, mostram que o modelo de educação brasileira é discriminatório, e propõem um modelo pedagógico que respeita os diferentes povos.

Outro ponto importante a ser considerado é o fato dos Quilombos Educacionais terem incluído em seus currículos o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, antes mesmo da aprovação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e tornou obrigatório o ensino desses conteúdos em todos os níveis da educação básica. Inclusive, esses Quilombos integraram o movimento que cobrava a aprovação das referidas leis.

Do mesmo modo, o Movimento dos Quilombos Educacionais tiveram papel importante no movimento pela aprovação das cotas nas universidades. Uma das frentes de luta desse Movimento foi e ainda é a democratização do acesso ao ensino superior e o enegrecimento das universidades. Ora, o povo negro deste país corresponde a mais da metade da população, e ainda assim estamos sub-representados nas universidades públicas e em outros espaços de poder.

Mediante o exposto, é necessário que valorizemos iniciativas como as dos Quilombos Educacionais, pois essas iniciativas contribuem para que tenhamos uma sociedade menos desigual. O Movimento dos Quilombos Educacionais, bem como o Movimento Negro em geral, contribui de maneira significativa para a emancipação do povo negro no Brasil. Povo esse que mesmo vivendo em um país que se diz democrático, sofre diuturnamente as violências do racismo estruturante dessa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARROYO, Miguel G. PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arrojo.pdf>>. Acesso em: 16/09/2019.

ARROYO, Miguel G. Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 31, n. 55, p. 47-68, fev. 2015. ISSN 19840411. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/39832/24739>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

Atlas da violência 2019. / Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34784&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432)>. Acesso em: 08 nov. 2019.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto-PT: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação, 2013. 542p.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: junho, 2005.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CARDOSO, Nádia Maria. **Instituto Steve Biko: juventude negra mobilizando-se por políticas de afirmação dos negros no ensino superior**. 2006. 246f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

- CUNHA, Lázaro Raimundo dos Pasos. **Oguntec, um novo tom para a ciência na Bahia**: O desvelar de uma proposta pedagógica anti-racista para a educação científica de jovens negros e negras. 2008. 224f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal, Participação da Sociedade Civil e Estruturas Colegiadas nas Escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 14, n. 50, p. 27-38, jan. 2006. ISSN 1809-4465. Disponível em: <<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/694>>. Acesso em: 19 out. 2019.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *In*: **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011, p. 333-361. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: 16/09/2019.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *In*: **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3, p. 489-506, set. – dez. 2007.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **O silêncio**: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In*: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, (jan./jun.), 1988b. p. 69-82.
- INSTITUTO CULTURAL STEVE BIKO. Projeto. Disponível em: <<https://www.stev ebiko.org.br/projetos>>. Acesso em: 5 nov. 2019.
- LIMEIRA, José Carlos. Quilombos. **Repertório**, Salvador, nº 17, p.195-197, 2011.2 Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/5741/4147>>. Acesso em: 28 out. 2019.
- LIMEIRA, José Carlos; SEMOG, Éle. **Atabaques**. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 1983.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *In*: BARTHOLOMEU, Cezar; TAVORA, Maria Luisa (Org.) **Arte & Ensaio**, n. 32. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, dezembro 2016. p. 122-151. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>>. Acesso em: 08 nov. 2019.
- MORAES, Alessandra; OLIVEIRA, Rosa. Cursos pré-vestibulares populares e aprendizagem da docência: alguns encontros. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p.125-144, jul. – dez. 2006.

MOURA, Clóvis. A quilombagem como expressão de protesto radical. *In*: MOURA, Clóvis (org.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001. p. 103-115.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1989.  
MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197-218.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 209-224, 1 abr. 2004.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Do Direito à Universidade à Universalização de Direitos**: O Movimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares e as Políticas de Ação Afirmativa. 2010. 195f. Tese (doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Movimentos Sociais, Educação e Cidadania**: Um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares. 1999. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

NASCIMENTO, Alexandre do. Universidade e cidadania: o movimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares. **Lugar Comum**, v. 17, p. 45-60, 2008. Disponível em: <[http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/113003120924Universidade%20e%20cidadania%20O%20movimento%20dos%20curso%20pr%C3%A9%20vestibulares%20populares%20-%20Alexandre%20Nascimento.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120924Universidade%20e%20cidadania%20O%20movimento%20dos%20curso%20pr%C3%A9%20vestibulares%20populares%20-%20Alexandre%20Nascimento.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2019.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Pré-Vestibular Popular: adestramento ou desenvolvimento?** Disponível em: <<http://www.sentimentanimalidades.net/estudos/>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Sobre a prática pedagógica no PVNC**. Disponível em: <<http://www.sentimentanimalidades.net/estudos/>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. *In*: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Insitituo Kuanza; Imprensa Oficial, 2006. p. 109-116.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In*: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**; sobre a trajetória de vida de Beariz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006. p. 117-127.



NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *In: Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p. 62-73.

OLIVEIRA, George Roque Braga. **Análise dos impactos sócio-econômicos e culturais das ações do Instituto Steve Biko no vestibular da UFBA**. 2008. 58f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RODRIGUES, Gilmar dos Santos. **Quilombo do Orobú: Experiência de Organização Popular, Formação Política e Mobilização Social promovida pela Juventude Negra na Periferia de Salvador – BA**. 46f. 2008. Monografia (Especialização) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Salvador, 2008.

SANTANA, Franley de Souza. Pré-vestibular Quilombola de Vitória da Conquista: trajetória, limites e possibilidades de uma política pública de igualdade racial. *In: I SEMINÁRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS*, 2018. Itapetinga. **Anais eletrônicos**. Itapetinga: UESB, 2018. Disponível em: <[http://www2.uesb.br/eventos/politicaspUBLICAS/wp-content/uploads/2018/12/I\\_SEM\\_PPE\\_2018\\_26.pdf](http://www2.uesb.br/eventos/politicaspUBLICAS/wp-content/uploads/2018/12/I_SEM_PPE_2018_26.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2019.

SANTOS, Maria Durvalina Cerqueira. **Vozes de mulheres negras sob o impacto de ações afirmativas em educação**. 2015. 156f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

SANTOS, Paulo Roberto de Souza. **História e ousadia, resistência na periferia: o caso do Quilombo Educacional do Orobú**. 108f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA FILHO, P. **Cursos Pré-Vestibulares Populares em Salvador: experiências educativas em movimentos sociais**. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11853>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

SILVA FILHO, P. Cursos Pré-Vestibulares Populares em Salvador: experiências educativas em movimentos sociais. **Revista da FAGED**, Salvador, v. 8, p.109-126, 2004. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2816/1994>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

TEIXEIRA, Rosa Helena Ribeiro. **O programa Universidade para Todos (UPT): aproximações com o cursinho pré-Enem do governo do estado da Bahia (2004-2018)**. 75f. 2018. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

VASCONCELOS, André Tinoco de. **Pré-vestibulares populares**: desafios políticos ao currículo e ensino de Geografia. 2015. 217f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.